

Começam festejos dos 70 anos

Reunião mil do Consun celebra aniversário da UFRGS e abre as comemorações para 2004. PÁGINA 3

UFRGS discute estratégias de crescimento com inclusão social

Seminário abordou demandas sociais e a economia fragilizada foi o assunto central PÁGINA 5

RICARDO DE ANDRADE



Na mesa, o ex-ministro do Planejamento João Sayad e os professores Maldonado Filho e Fernando Ferrari Filho



RICARDO DE ANDRADE

14 universidades públicas examinam Extensão no Sul

RENI JARDIM



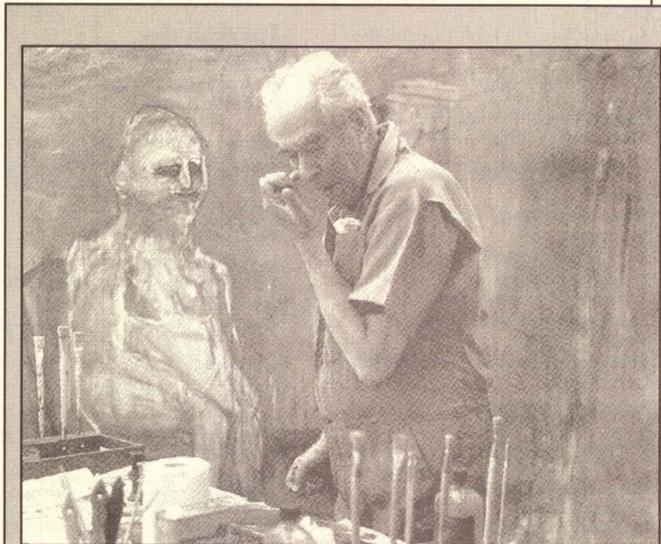
PÁGINA 4

RICARDO DE ANDRADE

ForGrad reunido para debater PNG

Pró-reitores da área definem propostas da Regional Sul para o Plano Nacional de Graduação

PÁGINA 4



2004 vai ser o ano Iberê Camargo

Em uma de suas últimas entrevistas, de 1993, o artista disse como se sentia ao ser homenageado. Agora preparam-se novas homenagens

PÁGINA 10

OPINIÃO

Homenagem ao professor Rubens Maciel

• **Tania Franco Carvalhal**
Professora, organizadora do livro "Rubens Maciel"

Na qualidade de organizadora do volume em homenagem ao professor doutor Rubens Maciel, cabe-me apresentar-lhes o livro e fazer alguns comentários com relação à sua publicação e a seu significado.

É justo mencionar que esta iniciativa foi da reitora Wrana Panizzi, para registrar a contribuição de insígnis professores desta Universidade e, indiretamente, contar a sua história.

Temos aqui, com esta publicação, concretizada a intenção que se converte em homenagem especial ao professor Rubens Maciel quando completa 90 anos.

Devemos, ainda, esta realização ao empenho da atual diretora da Editora da UFRGS, professora Jusamara Vieira Souza, de seu Conselho Editorial, e de seus dedicados funcionários.

Alguns aspectos norteadores desta publicação devem ser aqui ressaltados. Principalmente porque este livro, ao reunir alguns textos do professor Rubens Maciel, procura dar visibilidade às múltiplas facetas do médico e do educador, salientando que a atividade docente foi sempre decisiva e dominante em seu percurso profissional.

Não há dúvida de que sua personalidade se identifica pela qualidade ímpar de saber associar a profundidade de conhecimentos científicos a uma vasta cultura humanística.

Portanto, a publicação que ora se divulga, quis ressaltar as idéias do educador, através de seus pronunciamentos, não buscando a exaustividade, nem se atendo exclusivamente a textos de natureza científica, mas incluindo outros, de caráter mais amplo, que ilustram sua preocupação com a educação como um todo.

Nasce Rubens Mário Garcia Maciel, em Santana do Livramento, em 4 de agosto de 1913. Ingressa na Faculdade de Medicina da então Universidade de Porto Alegre no vestibular de 1932. Já como estudante envolve-se na vida universitária, ocupando diversos cargos na diretoria do Centro Acadêmico da Faculdade onde cria o "Jornal de Medicina". Um de seus textos, incluído no livro e intitulado "Nós, os alunos que já estávamos lá", é um documento valioso sobre a história dos centros acadêmicos em nossa Universidade e no país.

Ainda como estudante, revela sua inigualável competência como orador: a facilidade de expressão aliada à densidade das idéias. Assim, enquanto quartanista de Medicina profere, em nome dos demais estudantes, o discurso de evocação ao Professor Sarmiento Leite na ocasião de seu falecimento, em 1935. Este texto, intitulado "A morte do velho Sarmiento", colhido nas páginas do jornal *Correio do Povo*, é o primeiro dos documentos do autor reunidos neste livro.

Ali se reconhece já no jovem de 22 anos o pleno domínio dos efeitos de retórica, o poder de mover seu ouvinte e de suscitar a emoção.

Realiza na UFRGS uma trajetória acadêmica completa. Após sua formatura, como primeiro aluno da turma de 1937, ingressa como Professor Assistente de Clínica Médica.

Em 1942, torna-se livre docente de Clínica Médica e também de Clínica Propedêutica Médica em 1945. Dessa disciplina tornou-se professor titular (na época denominava-se professor catedrático) no ano seguinte, aos 33 anos de idade.

Sua curiosidade de cientista e pesquisador o levou a criar vários núcleos de investigação e a obter, como médico e como professor, reconhecimento que se traduziu em relevantes títulos e premiações. Entre nós, fundou e manteve por muitos anos, com alto nível de ensino e pesquisa, a Enfermaria 29, na qual se formaram grandes clínicos e cardiologistas e onde se implantou um dos primeiros programas de residência médica do Rio Grande do Sul.

Dentro desse espírito, ocupou-se com várias questões relativas à docência e são exemplares outros textos também coletados no livro e que tratam de temas como "Educação médica continuada", o "Ensino de matérias profissionais" e "Conceitos básicos da pós-graduação médica no Brasil".

Dedicado aos problemas de âmbito institucional, presidiu a Sociedade Brasileira de

Cardiologia, em 1959, foi Diretor do Programa Universitário da CAPES de 1953 a 1954 e membro do Conselho Federal de Educação de 1964 a 1970, entre outras atuações.

Não restringiu sua atuação ao país. Em âmbito internacional, foi bolsista da Fundação Rockfeller para Educação Médica (Europa, 1962), Delegado do Brasil à XVIII Assembleia Geral das Nações Unidas (1963), Convidado oficial do Governo da República Federal da Alemanha para Assuntos de Educação Superior (1966) e atuou como Consultor da Organização Pan-americana de Saúde de 1968 a 1974.

Sua brilhante atuação profissional não se esgota aqui. Como fundador e Presidente da Federação Pan-americana de Associações de Faculdades e Escolas de Medicina (Fepafem), conheceu profundamente as condições do ensino médico na América Latina e criou projetos para seu melhor desenvolvimento e articulação.

Tornou-se membro titular da Academia Nacional de Medicina em 1979 e pertence à Academia rio-grandense de Medicina além de ser membro de outras sociedades de cardiologia na América e na Europa.

Os leitores também encontrarão neste livro o discurso pronunciado na primeira dessas sessões, com o título de "Duas noites... e quarenta anos de intervalo".

Não poderiam faltar no volume também reflexões de natureza mais literária como está em "Quando o presente atual era o futuro incerto", sobre o centenário de nascimento do escritor Aldous Huxley, e uma bela crônica, intitulada "Pergunta e definição", na qual agrega o conhecimento da vida ao da medicina.

Há, certamente, vários outros pronunciamentos do autor.

Muitos deles não foram reunidos aqui. De um lado, como indiquei, pela orientação dada ao volume; de outro, pela impossibilidade de recuperar os textos escritos, pois todos os que conhecem o dr. Rubens Maciel sabem que ele é sobretudo um homem da comunicação oral, sem a preocupação do escrito. Notável orador, em geral fala de improviso, deixando-se guiar por uma argumentação sempre límpida e original.

Na busca de seus textos, a colaboração dos filhos do professor Rubens foi inestimável, pois eles vinham recolhendo gravações e material disperso de suas inúmeras palestras e cursos.

Muito desta documentação ainda deverá ser coletada para que se alcance, com maior amplitude, a integralidade de seu pensamento.

Enriquecem o volume dez depoimentos de ex-alunos, seus colaboradores e amigos.

Todos generosamente aceitaram o convite para escrever sobre a figura, a atuação e a valiosa contribuição de Rubens Maciel à Medicina e à vida acadêmica no país.

Não lhes vou aqui adiantar a totalidade da matéria que compõe o livro. Apenas quero dizer-lhes que há ali um testemunho do que este professor representa para nós.

Principalmente, repito, este é um livro de registro.

Certamente inscreve-se ele em um projeto mais amplo que esta Universidade, nos últimos anos, tem levado a bom término: o da preservação de sua memória. Isto está claro no programa de restauração dos prédios da UFRGS.

Isto também está evidente na preservação de uma Editora voltada para a produção de seus docentes e pesquisadores e mesmo nas fotografias que podemos ver em cada andar deste prédio, nas quais há a lembrança de nosso passado recente e longínquo.

Uma situação como esta, de homenagem e de valorização, leva-nos naturalmente a ambicionar que tais projetos sejam mantidos nos próximos anos, para benefício daqueles que por aqui passam.

É de desejar que nesta Universidade ecoe de forma permanente a memória de seus mestres.

É de desejar que não esqueçamos de uma frase de Rubens Maciel que utilizei como epígrafe neste livro. Com ela concluo estes meus comentários: "O aluno não é um simples complemento do verbo ensinar, mas o sujeito do verbo aprender".

UFRGS faz 70 anos em 2004

Foi uma data para ser comemorada com muita alegria. A milésima reunião do Conselho Universitário lotou a Sala dos Conselhos na manhã de 28 de novembro para celebrar os 69 anos da Universidade e dar início às comemorações dos 70 anos, em 2004. Veja como foi a solenidade na página 3.

O mês de novembro foi pródigo em seminários no âmbito universitário, mobilizando o corpo docente da UFRGS. De 16 a 18, se realizou em Porto Alegre, o XVI Encontro de Pró-reitores de Graduação da Região Sul, o ProGrad. De 20 a 22, ocorreu em Gramado o XXI Seminário de Extensão Universitária da Região Sul. Detalhes na página 4.

O Seminário Fundamentos Econômicos, promovido pela UFRGS nos dias 19 e 20 de novembro, examinou o desafio da competitividade na atual situação econômica do Brasil, vista como uma questão fundamental para o governo. Página 5.

Na página central, apresentamos uma entrevista com diretor de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). O professor Dilvo Ristoff diz que só com o fortalecimento do setor público de ensino será possível a inclusão do enorme contingente de jovens que buscam e buscarão o ensino superior nos próximos anos.

Outra vez, destaque nacional. Uma aluna e uma professora, ambas pesquisadoras do Laboratório de Tecnologia Ambiental da UFRGS, receberam o Prêmio Jovem Cientista, oferecido pelo CNPq, um dos mais importantes do gênero no Brasil. Veja na página 8.

A Fundação Iberê Camargo prepara extensa programação para comemorar os 90 anos de nascimento do pintor gaúcho, falecido dez anos atrás. Também faz dez anos que morreu o professor e escritor mineiro (gaúcho por opção) Guilherme Cesar. A memória de Iberê está na página 10, a de Guilhermino, na página 11.

E na página 12 está o perfil de um dos nomes mais importantes da pesquisa na Universidade, o professor Darcy Dillenburg, um apaixonado pela Física, que em breve vai receber o título de professor emérito.

ESPAÇO DA REITORIA

Debate internacional

• **WRANA MARIA PANIZZI**

Reitora

Nos dias 29 e 30 de novembro, a UFRGS foi sede de um importante encontro internacional. Realizou-se nestes dias, em nossa Universidade, a II Reunião Plenária do Conselho Universitário Ibero-americano (CUIB) - entidade criada há um ano com o propósito de estreitar os laços entre as universidades latino-americanas, portuguesas e espanholas. Estiveram presentes treze associações nacionais e regionais de dirigentes universitários, representando onze países. Além de analisar temas de grande interesse, como qualidade, creditação, inclusão social e cooperação internacional, o encontro deu mais um passo no sentido do fortalecimento do CUIB, cuja ação passa a contar agora com o apoio de uma Secretaria Executiva, conduzida por Félix García Lausín, sob a presidência do reitor Juan Antonio Vazquez García, da Conferência de Reitores das Universidades Espanholas (CRUE).

É da natureza da instituição universitária promover o intercâmbio internacional. Esta é uma prática consagrada entre docentes e pesquisadores. O mesmo não acontece, lamentavelmente, quando falamos do intercâmbio institucional. No momento em que, no plano internacional, ganha força a concepção da educação como "serviço comercial", torna-se ainda mais relevante a missão das associações nacionais e regionais de dirigentes universitários. A ação do CUIB, neste contexto, deverá fortalecer o campo dos que concebem a educação como *bem público*, articulando alianças que nos ajudem a enfrentar, com mais clareza e vigor, a crescente mercantilização da educação.

Vivemos, há alguns anos, uma verdadeira revolução tecnológica. Esta

revolução, entre outros resultados, tem obrigado à renovação quase contínua de nossos equipamentos - que, como sabemos, em pouco tempo tornam-se obsoletos. Com certeza, sempre encontraremos quem saiba manejar as "novas" tecnologias. O mesmo não se pode concluir no que diz respeito ao seu manejo criterioso. A reunião do CUIB, a troca de experiências com colegas de diferentes países, tornou ainda mais forte nosso sentimento de que a instituição universitária - como lugar de inovação e, sobretudo, como lugar de formação, de produção de riqueza moral, valores e identidades - terá ainda maior importância no século XXI. O mesmo sentimento tivemos ao participar de outro importante encontro realizado em novembro, o Seminário Internacional Universidade XXI, organizado pelo Ministério de Educação.

Creio que se enganam profundamente os que pensam que a instituição universitária precisa ser "reinventada" para melhor se adequar ao "mercado". As universidades não desconhecem que a economia de mercado é a realidade na qual se inscrevem - nossas universidades públicas, aliás, ao contrário do que muitos pensam, interagem fortemente com o mundo empresarial. A questão que se apresenta, portanto, é de outra natureza. O conflito que presenciamos se dá entre os que querem preservar a autonomia da instituição universitária em face das diferentes manifestações do poder, seja ele político ou econômico, e os que querem fazer do "mercado" a sua própria razão de existir.

O fortalecimento da educação superior como *bem público* interessa a toda a sociedade. O CUIB pode dar importante contribuição nessa direção.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS/Brasil
CEP 90.046-900
Fone: +55 51 3316-7000
Fax: +55 51 3316-3176
homepage internet: <http://www.ufrgs.br>
e-mail reitoria: reitoria@vortex.ufrgs.br

ADMINISTRAÇÃO

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Pró-reitor de Ensino

José Carlos Ferraz Hennemann

Pró-reitor Adjunto de Graduação

Norberto Hoppen

Pró-reitora Adjunta de Pós-graduação

Jocélia Grazia

Pró-reitor de Pesquisa

Carlos Alexandre Netto

Pró-reitor de Extensão

Fernando Setembrino Cruz Meirelles

Pró-reitora de Planejamento

e Administração

Maria Alice Lahorgue

Pró-reitor de Infra-estrutura

Hélio Henkin

Pró-reitor de Recursos Humanos

Dimitrios Samios

Secretária de Desenvolvimento

Tecnológico

Maria Alice Lahorgue

Secretário do Patrimônio Histórico

Christoph Bernasiuk

Secretário de Assuntos Estudantis

Angelo Ronaldo Pereira da Silva

Secretária de Avaliação Institucional

Ana Maria Braga

Procurador-geral

Armando Pitrez

Chefe de Gabinete

Carmem Regina de Oliveira

Jornal da Universidade

Publicação da Coordenadoria
de Comunicação Social da UFRGS

Conselho Editorial - Aron Taitelbaum,
Eduardo Corsetti, Enno Liedke, Maria da
Graça Bulhões, Maria Helena Weber e
Sandra de Deus

REDAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar

Fone/fax: (051) 3316-3368/3316-3176

e-mail: jornal@vortex.ufrgs.br

homepage: <http://www.ufrgs.br/jornal>

Editor-chefe - Clóvis Ott

Editora executiva - Ida Stigger

Editores assistentes - Ademar Vargas de
Freitas e Juarez Fonseca

Redação - Arlete R. de Oliveira Kempf,
Carla Felten e Jacira Cabral da Silveira

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Anibal Bendati

Homepage - Marcelo da Silveira

Fotografia - Luiz Ricardo de Andrade e
Reni Jardim

Revisão - Israel Pedroso

Colaboraram nesta edição - Ana Maria
Braga

Circulação - Luiz Ricardo de Andrade
cadinho@ufrgs.br

Apoio - Rosâne Vieira e Rita Silveira

Serv. gerais - Antônio Carlos dos Santos

Fotolitos e impressão - Companhia
Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)

ENSINO

Consun abre comemorações dos 70 anos da UFRGS

Em sessão solene, no dia 28 de novembro, ocorreu a milésima reunião do Conselho Universitário, que coincidiu com a data dos 69 anos e com o início das comemorações dos 70 anos da Universidade, em 2004



A sessão comemorativa foi realizada na Sala dos Conselhos

Na mesa, presidida pela reitora Wra-na Maria Panizzi, estava o vice-reitor José Carlos Ferraz Henne-mann e o professor Luiz Osvaldo Leite. Entre os presentes, o ex-reitores Gerhard Jacob e Early Diniz MacCarthy, pró-reitores, representantes da Adufrgs, Assufrgs, Associação dos Antigos Alunos e Diretório Central dos Estudantes. Também estiveram presentes professores eméritos, como Helga Piccolo, Joaquim Blessmann e Maria Marques.

Durante a solenidade, foi distribuído entre os presentes o broche com a logomarca dos 70 anos, criada por duas alunas da Faculdade de Arquitetura, Helen Kampmann e Michele Rainmann. O professor Henne-mann fez a entrega do prêmio, uma imprensa. Foi também lançado a nova página da UFRGS na Internet. Durante a sessão foi novamente apresentada a campanha Prédios Históricos, que reafirma a identidade da UFRGS e solicita contribuições. Agora, a campanha distribui um adesivo para que seja colocado nas janelas dos carros, com os dizeres: "Eu sou amigo da UFRGS".

Após a manifestação da reitora, o pro-

fessor Luiz Osvaldo Leite falou, baseando sua alocução na Ética. Começou por citar Cícero, para quem a história é a mestra da vida, lembrou a saudade da sala de aula e apoiou a possibilidade de ser aumentada para 75 anos a idade da aposentadoria compulsória para professores. Em seguida falou sobre os dramas que comovem o mundo, como guerras, genocídios, infanticídios

e desastres que agora, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, estão mais perto de nós.

Leite citou grandes guerras que abalaram o mundo, como a primeira e a segunda guerras mundiais, a Guerra Civil Espanhola, a da Coreia, a do Vietnã e conflitos mais recentes. Além das perdas de vidas, esses conflitos, juntamente com os atos de terroris-

mo, causaram grandes perdas econômicas e atingiram de maneira irreversível o patrimônio cultural dos povos e da humanidade.

O professor Leite lamentou também a importância dada à moral apenas no aspecto sexual, o que, segundo ele, é extremamente questionável. "Quando se fala em moral, logo se entende por moral sexual. E quem comete desvio financeiro? E quem massacra seres humanos?" Leite ressaltou que somos educados para respeitar a propriedade privada, mas não para respeitar a moral social. E disse que isso, agora, nos leva a casos como o do Juiz Lalau e a desencadear a Operação Anaconda, de combate à corrupção.

"São problemas de ética econômica", disse Leite, ao lembrar que na Idade Média, cobrar juros era um crime extraordinário. Em seguida, deu um exemplo das distorções a que se pode chegar, contando o episódio do inventor de Cambará do Sul, que reivindicou o aterramento dos Aparados da Serra, para evitar a queda do gado no precipício.

O orador, que foi muito aplaudido, citou também aspectos ecológicos, como a questão da Apectônia e da água, para dizer que existe uma dimensão ética nisso tudo. Antes, temas como esses não se eram discutidos como questões de ética e sim de religião. E lembrou de o reitor Câmara, de quem foi assistente, costumava questionar o homem filósofo, dizendo que não é o ócio que leva a filosofar e sim o interesse ético.

A manifestação da reitora na solenidade

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul completa, hoje 69 anos de existência. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul começa a viver, hoje, seus 70 anos. Em 1918, quando os estudantes de Córdoba dirigiam-se aos "homens livres da América" reivindicando a reforma universitária, o Brasil ainda não contava com nenhuma universidade. Nossa UFRGS é tão jovem, quando comparada às instituições universitárias pioneiras, do Velho ou do Novo Mundo. E nossa UFRGS é, ao mesmo tempo, uma das mais antigas do Brasil.

A UFRGS, como outras universidades brasileiras, não nasceu da reforma da universidade monástica ou de um claro projeto político e institucional de universidade. A UFRGS, como aconteceu com outras universidades brasileiras, nasceu da reunião de cursos, faculdades e escolas já existentes. De partes diversas, e dispersas, tenta-se fazer um "todo" – um corpo, um universo, uma universidade. Creio que assim poderíamos resumir os primeiros passos da moderna instituição universitária no Brasil. Não foi diferente com a nossa UFRGS.

A instituição universitária, entretanto, não nasceu "pronta", não surgiu "da noite para o dia", nem no Brasil nem em outros países. Ela é, antes de tudo, o resultado de uma procura milenar – afinal, a Universidade de ontem, como a do início do século XXI, nada mais é do que a generosa expressão da vontade dos homens e das mulheres de prover a sociedade de uma instituição gestora do conhecimento e da cultura universais.

Esta procura, não custa lembrar aqui, desafiou os gregos, alcançou o mundo medieval, renovou-se a partir da revolução industrial e, como não poderia deixar de acontecer, produziu experiências diversas e mesmo contraditórias. Esta procura certamente animou o espírito dos que, no final do século XIX, criaram nossos cursos de Farmácia, Engenharia, Medicina, Agronomia e Direito. Esta procura, com certeza, ganhou novo alento em 1934, quando se criou a Universidade de Porto Alegre.

Imaginemos, por um momento, o desafio descortinado pela comunidade universitária da recém-fundada Universidade de Porto Alegre, naqueles conturbados anos 1930: se muito já tinham realizado, quase tudo estava ainda por fazer. Nos anos 1940, nossa Universidade, que já tinha expressão regional, incorpora unidades de ensino localizadas nas cidades de Pelotas e Santa Maria – e, em 1947, como que para afirmar sua vocação regional, passa a denominar-se Universidade do Rio Grande do Sul. Dessa experiência nascerão, mais tarde, as Universidades Federais de Santa Maria e Pelotas.

O tempo da decisão política é ritmado pela urgência, pelo curto prazo. Outro é o ritmo da produção do conhecimento, da construção das instituições, da consolidação de um sistema nacional de educação superior. Se, como vimos, foi tardia a criação de universidades no Brasil, mais tardias ainda foram a constituição de nosso sistema de educação superior e a associação entre o ensino e a pesquisa – elemento que antecedeu a moderna instituição universitária daquela que a antecedeu.

A Universidade brasileira dos anos 1930 e 1940 era ainda uma instituição fundada quase que exclusivamente para a transmissão do conhecimento. Por outro lado, ela legisla de um quadro de referências políticas, institucionais e legislativas que orientasse e valorizasse suas atividades. Esse cenário começa a se modificar nos anos 1950, com a criação do Sistema Federal de Educação Superior, constituído com a missão de se tornar referência para o conjunto do sistema educacional superior brasileiro. Ainda nos anos 1950, visando estimular a investigação científica, seriam criadas nossas primei-

ras agências de fomento à pesquisa – a Capes e o CNPq.

Em 1952, quando completava 18 anos de existência, a Universidade do Rio Grande do Sul diplomava pouco mais de 400 estudantes de graduação – incluindo-se entre estes os estudantes diplomados por nossas unidades de Santa Maria e Pelotas. Em 2002, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como passamos a nos denominar em 1965, diplomou em seus cursos de graduação mais de 2.300 estudantes. Estes números revelam que crescemos e, o que me parece muito mais importante, que em apenas meio século a Universidade Pública deixou de ser uma instituição acessível somente à elite econômica.

Outra mudança notável ocorrida neste período diz respeito à pós-graduação. Nos anos 1960, apesar do esforço realizado por nossos pioneiros do desenvolvimento científico e tecnológico, a atividade de pesquisa ainda era pouco expressiva no Brasil. Nessa época, as universidades ainda dedicavam-se sobretudo à transmissão do conhecimento. Parcela significativa dos nossos professores, divididos entre a docência e as atividades profissionais, dedicavam apenas parte de seu tempo à vida acadêmica.

Este quadro modifica-se significativamente a partir dos anos 1970, quando implementa-se uma política de valorização da pós-graduação. O trabalho em tempo integral é estimulado, criam-se numerosos programas de pós-graduação, institui-se o sistema de bolsas de estudos, incentiva-se a formação de mestres e doutores no Brasil e no Exterior, articulam-se grupos de pesquisa.

Nas décadas seguintes, nos anos 1980 e 1990, a UFRGS consolida-se como ambiente de ensino e pesquisa. Esta associação, finalmente, torna-se parte do cotidiano das nossas atividades, refletindo-se na sala de aula, nas conversas de corredor, no projeto de extensão que alcança os mais variados grupos sociais, na parceria com empresas, com organismos governamentais, com sindicatos e tantas outras instituições, pú-

blicas e privadas. A pós-graduação institucionaliza-se, os quadros docentes qualificam-se, a vocação para a pesquisa é valorizada por um número mais expressivo de agências de fomento, incluindo agora nossa fundação regional de apoio à pesquisa – a Fapergs.

Neste início de século XXI, a UFRGS tem 20 mil estudantes de graduação e mais de 7 mil estudantes de pós-graduação. No ano de 2002, titulamos cerca de 1.000 mestres e mais de 300 doutores. Entretanto, muito mais importante do que esses números parece-me um outro testemunho: ao longo dos seus 69 anos de existência, nossa Universidade levou adiante a procura que animou o espírito daqueles que, no alvorecer da República, plantaram a primeira semente. Por isso, hoje, a UFRGS é uma das melhores e mais diversas do Brasil.

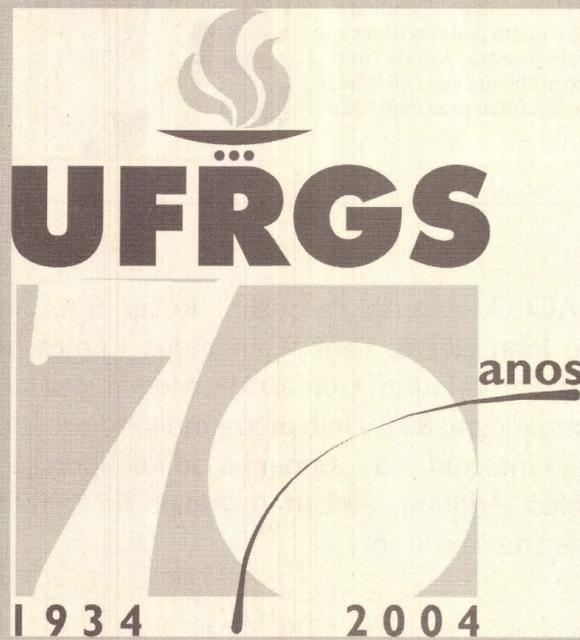
Creio que ninguém saberia calcular o que a nossa Universidade faz, e o que já realizou por nosso país e por nosso Estado, tanto para o incremento das riquezas materiais quanto para a produção de um bem ainda mais precioso, o sentido **res publica** – que se traduz em afirmação de identidades, riqueza moral e valores. Nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, não tenho dúvida, tomaram mais ríspido este Estado, contribuíram portanto para desenvolvê-lo – e também para tornar a sociedade gaúcha mais justa e menos desigual.

Hoje, quando exploramos as fronteiras do conhecimento, quando formamos profissionais altamente especializados, quando formamos pesquisadores, quando formamos os professores que irão educar nossas crianças, quando formamos lideranças políticas, empresariais e sindicais, enfim, no dia-dia da vida acadêmica, afirmamos de maneira cada vez mais clara o nosso compromisso com a qualidade e com o rigor da razão – mas, também, com a sensibilidade, com a ética e com a crítica que procura, em todas as circunstâncias, ser verdadeira e justa.

A UFRGS, jovem instituição universitária que hoje começa a viver seus 70 anos de existência, tem muitas qualidades. Permitam-me destacar aquela que mais aprecio: o compromisso crescente de nossos estudantes, professores e técnicos administrativos com uma educação concebida como bem público e com um conhecimento concebido como patrimônio da humanidade. Como nos mostram os pioneiros dessa universidade, algumas idéias se mostram mais fortes do que rocha.

A UFRGS é obra coletiva, realizada por várias gerações. Por ela passaram personalidades que fizeram a história deste Estado e do próprio país. A lembrança dessas personalidades sempre nos orienta e nos inspira. Mas eles passaram, como nós também passaremos e pois o que permanece é o legado da procura, o legado de construção universitária republicana, da valorização da universidade pública, de qualidade, gratuita e acessível a um número cada vez maior de brasileiros.

Disse antes, a propósito dos fundadores desta Universidade: "Imaginemos, por um momento, o desafio descortinado pela comunidade universitária da recém-fundada Universidade de Porto Alegre, naqueles conturbados anos 1930: se muito já tinham realizado, quase tudo estava ainda por fazer." Neste início do século XXI, a concepção da educação como bem público parece mais do que nunca ameaçada. Pois então, digo hoje: se muito já realizamos, nada nos pertence e quase tudo ainda está por ser feito. Como escreveu o poeta: "Se muito vale o já feito, mais vale o que será!" Que o aniversário da UFRGS nos dê ainda mais força e alegria para levar adiante nossa teimosa crença na generosa missão da Universidade Pública!



RICARDO DE ANDRADE



XVI Encontro de Pró-reitores de Graduação da Região Sul

De 16 a 18 de novembro passado, realizou-se o XVI Encontro de Pró-reitores de Graduação da Região Sul, uma promoção do ForGrad – Fórum de Pró-reitores de Graduação. A organização do evento contou com a participação conjunta da UFRGS e da PUCRS e teve como objetivos a discussão sobre o Plano Nacional de Graduação, com a elaboração de textos a partir das discussões em grupo, e a ampliação do conhecimento e do debate sobre a democratização do acesso ao ensino superior, com a participação de instituições públicas e privadas. Realizado no auditório do prédio 40 da PUCRS, o encontro veio na sequência de outros semelhantes já efetuados nas regiões Centro-Oeste e Sudeste. O trabalho deverá estar concluído no mês de março de 2004, quando será apresentado ao Ministério de Educação.

Salientando o ineditismo do fato de, pela primeira vez, 13 instituições de ensino superior do estado estarem reunidas na promoção de um encontro desse tipo, a presidente do Fórum Nacional de Pró-reitores de Graduação das universidades brasileiras, professora Vera Lúcia Puga de Souza, disse, abrindo o evento, que “desde sua criação, em 1988, o ForGrad contém a diversidade na sua composição, valorizando o trabalho coletivo”. Entre as IES presentes, estiveram instituições públicas, privadas, centros universitários e faculdades isoladas. O vice-reitor da PUC, no exercício da reitoria, professor irmão Joaquim Glotet, destacou “a forte parceria estabelecida entre as instituições de ensino que se uniram para organizar o evento”. Sintetizando as razões do ForGrad, a reitora da UFRGS e presidente da Andifes, Wrana Maria Panizzi, perguntou: “Quais são as metas para a educação no País?” E, a seguir, advertiu: “As universidades vivem um momento de incertezas. Precisamos de um rumo construído em conjunto”.

Para o pró-reitor de graduação da UFRGS, Norberto Hoppen, o XVI Encontro de Pró-reitores de Graduação da Região Sul, os demais que já se realizaram e o que ainda vai ocorrer, em dezembro, na região Norte/Nordeste, têm especial importância quanto à elaboração do Plano Nacional de Graduação (PNG). “Enquanto a pós-graduação das universidades brasileiras já está na elaboração de seu quinto plano nacional, a graduação no Brasil, com 175 anos de existência, discute e elabora seu primeiro Plano Nacional”, alerta o pró-reitor. Além desta temática, o encontro também discutiu a formação de professores e o ingresso no ensino superior, a sua democratização, ampliação e formas de acesso.

Hoppen destacou quatro discussões que ocorreram no grupo de trabalho do Plano Nacional de Graduação: o papel do ensino superior na sociedade contemporânea; aspectos importantes na definição do plano didático-pedagógico das instituições; articulação, normatização e avaliação relativas ao sistema nacional de educação; e financiamento, apoio e fomento na graduação. Segundo ele, os participantes do encontro discutiram, particularmente, o sistema nacional de educação nos aspectos relativos à legislação e ao projeto pedagógico institucional. “O que se constata é que a legislação, hoje, está muito esparsa. Por isso, um dos objetivos do PNG é ter uma proposta bem específica de todas as universidades, independente de sua natureza jurídica, públicas ou privadas”, afirma o pró-reitor.

Quanto ao aspecto da avaliação, o PNG propõe uma integração intensa com a extensão e a pós-graduação. Sob o ponto de vista normativo, esta integração na UFRGS está bem adiantada, tem resoluções claras e definições de como inserir na graduação atividades de extensão e de iniciação científica. “Agora, resta transformar a norma em prática, implantar uma cultura de maior integração e não compartimentar tanto as atividades acadêmicas”, diz Hoppen.

Durante o ForGrad, nos debates sobre a democratização do acesso ao ensino superior, os participantes demonstraram preocupações com a questão da evasão. Considerando que o estudante já tem dificuldade para entrar na universidade “uma das maneiras de contribuir para a permanência, principalmente para os de mais baixa renda, é lhes dar condições de manutenção através de bolsas de monitoria, de extensão, de pesquisa, mais do que existe hoje”, comenta Hoppen, que exemplifica: “No caso da UFRGS, são atendidos em torno de 13% dos alunos de graduação, mas a necessidade é atender 40%. A maioria das bolsas concedidas pela UFRGS é de iniciação científica, faltando, entretanto, maior quantidade para monitorias. “Hoje temos 320 monitores mas, com todos os programas que a universidade tem, comportaria de 600 a 700 bolsistas.”

Contrário ao que tem se repetido na mídia, não houve discussão mais aprofundada sobre cotas como forma de acesso. Para Hoppen, as universidades estão com certo receio de abrir suas portas. “Isso ocorre nas públicas porque, em razão da forte concorrência e pressão social para o ingresso, regras uniformes parecem mais equitativas”, justifica. Isto se refere a ingresso extra-vestibular, para o preenchimento de vagas não ocupadas. Para ilustrar esta concepção de ingresso, Hoppen cita o exemplo da Universidade Estadual de Londrina. Lá é feito um exame de capacitação de entrada, onde o aluno pode escolher em qual semestre do curso quer prestar prova de ingresso. “Se ele passar, entra direto no semestre para o qual prestou exame”. Isto vem solucionar outro problema que existe hoje em dia que é a questão da diversidade dos currículos, que acaba dificultando as transferências, podendo resultar em evasão.

Universidade e Compromisso Social foi tema de Seminário de Extensão

Pró-reitores de Extensão e representantes de 14 universidades públicas estiveram reunidos, de 20 a 22 de novembro, em Gramado (RS) para a realização do XXI Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (Seurs). O seminário foi promovido pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - Regional Sul e teve como tema Universidade e Compromisso Social.

Além da UFRGS, participaram do encontro mais cinco universidades gaúchas, as federais de Pelotas e Santa Maria, a estadual do Rio Grande do Sul, a Fundação Universitária de Rio Grande e o Centro de Educação de Pelotas. De Santa Catarina vieram representantes da Udesc e da UFSC. Do Paraná: a federal do Paraná e as estaduais de Londrina, Ponta Grossa, Maringá, Unicentro e Unioste.

O pró-reitor de Extensão da UFRGS, Fernando Meirelles, salientou a importância da presença da presidente da Andifes, Wrana Maria Panizzi, reitora da UFRGS, para o fortalecimento da discussão da Extensão como parte integrante dos projetos acadêmicos das universidades federais e não apenas como ação isolada de um grupo de professores. “Assim, abre-se um canal de comunicação com quem tem poder político e decisório.”

Desde a década de 80, só participavam do seminário instituições públicas de ensino superior. Este ano, responderam ao convite instituições confessionais e comunitárias, caracterizando o tipo de atividades de extensão desenvolvidas por universidades públicas e privadas. Enquanto as públicas desenvolvem quase a totalidade dos programas e projetos de Extensão no âmbito nacional, as confessionais, comunitárias e particulares desenvolvem mais cursos, eventos e prestação de serviços. Isto ocorre porque os cursos acarretam menos custos e envolvem um contingente menor de pessoas. Além disso, projetos de extensão são mais complexos, tanto no que diz respeito aos gastos com deslocamento e infra-estrutura, como com o envolvimento de alunos no trabalho.

A experiência de cinco anos do projeto de ensino Atividade Curricular em Comunidade, desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia suscitou muito interesse, principalmente por parte de representantes de instituições estaduais de ensino superior, que ainda estão iniciando as discussões internas e a normatização da flexibilização. A experiência da Bahia envolve determinadas questões fundamentais para a Extensão, como a flexibilização curricular, que aceita como crédito a participação do aluno no projeto. Desde julho deste ano, a UFRGS já tem esta possibilidade, pois foi aprovada uma resolução permitindo a flexibilização dos currículos. Agora, as atividades de pesquisa e de extensão podem ser contadas como créditos no currículo de graduação, num total até 10%.

A proposta do seminário de discutir as áreas temáticas foi um ganho, tanto para a Regional Sul quanto para as universidades que ainda não conseguiram adotar a classificação por áreas temáticas, e também para o Fórum Nacional. “Pela primeira vez, se colocaram de forma transparente as dificuldades e os encaminhamentos que estão sendo feitos pela regional”, avalia Meirelles. A divisão dos participantes em subgrupos para aprofundar a questão das áreas temáticas, procurou atender o universo da Extensão dentro das áreas de comunicação, cultura, direitos humanos, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e trabalho.

Alguns pró-reitores criticaram o que consideram a insuficiência dessas áreas para fazer as separações necessárias. Outra crítica, compartilhada por Meirelles, é de que a divisão atual serve para ações de nível menor, como cursos ou projetos. Já para programas onde juntam-se várias áreas, a classificação é limitante. No final das discussões, cada área elaborou seu relatório que será finalizado pela assessoria da pró-reitoria de Extensão da UFRGS e depois seguirá para as coordenações regional e nacional para fomentar a discussão sobre o tema.

RENI JARDIM



AGCO, Alberto Pasqualini Refap S/A, Antônio Lanches, Banco John Deere, Banco Santander, Centro Acadêmico Tasso Corrêa, Forjas Taurus, Gerdau S/A, Metalúrgica Jackwal, Prefeitura de Porto Alegre, RBS, Unibanco e muitos outros amigos da UFRGS já estão integrados à Campanha de Recuperação do Patrimônio Histórico. Adquira seu cartão “Amigo da UFRGS” e entre você também nessa corrente.

Adquira seu cartão “Amigo da UFRGS” nas Livrarias da Universidade, no Museu da UFRGS, na Secretaria do Patrimônio Histórico ou nos bares das Faculdades.



Universidade Viva

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

LIC
Lei de Incentivo à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Economia social ainda é desafio para o Brasil

Seminário promovido pela UFRGS discutiu crescimento econômico e inclusão social

Apesar de o Brasil viver há mais de uma década um período de abertura econômica, de inserção mais efetiva no mercado internacional, a competitividade ainda é um desafio para o País. E tal desafio se coloca como uma das questões fundamentais a serem equacionadas pelo atual Governo, em um contexto de globalização e de maior intensidade das relações internacionais, haja vista a série de negociações e acordos em andamento. Por outro lado, há uma crescente demanda social e uma economia ainda fragilizada pelas taxas de juros elevadas, pelo aperto fiscal e pela dívida pública.

Como desatar este nó, quais as formas de garantir competitividade e quais os erros e acertos obtidos até agora foram aspectos centrais debatidos pelos participantes do Seminário "Fundamentos e estratégias para o crescimento econômico e o desenvolvimento social no Brasil", realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos dias 19 e 20 de novembro. Sob a coordenação do professor da Faculdade de Economia da UFRGS, Fernando Ferrari Filho, o encontro foi realizado na reitoria da universidade e contou com a presença do vice-reitor, José Carlos Ferraz Hennemann.

Na conferência de abertura, o professor Gilberto Dupas, coordenador do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais, destacou que o Brasil vive hoje um período emblemático. "Estamos diante do voo da galinha. Para onde vai o País nos próximos anos? Voltamos a uma etapa de crescimento sustentável ou o milagre do crescimento é apenas uma peça de retórica?", questionou o economista, para em seguida acrescentar: "Nas duas últimas décadas, tivemos de ouvir aquele discurso assemelhado a um versículo bíblico: abram, privatizem e estabilizem, que tudo mais será dado por acréscimo".

No entanto, a seqüência não foi bem esta. Por algum fenômeno estranho, a partir da chamada abertura econômica, houve um descolamento das curvas representativas do comércio e do Produto Interno Bruto (PIB). Em suma, ao mesmo tempo em que o comércio internacional foi ampliado, a consequência esperada, ou seja, o aumento do PIB, não se concretizou, originando boa parte dos desequilíbrios hoje percebidos.

Para Dupas, o que caracteriza fundamentalmente a economia global é a tecnologia da informação, que permitiu às cadeias produtivas espalharem a produção pelo mundo afora, em busca de custos mais baixos. Um contra-senso é que, dentro da lógica de acumulação, um dos fatores de produção que se imaginava banido em breve, acabou ganhando destaque: a mão-de-obra. "Todos imaginávamos que a automação levaria de roldão a mão-de-obra barata e ela estaria segregada, como uma espécie de apêndice do mundo, o que não se verificou". Como resultado dessa fragmentação, as nações periféricas passaram a integrar a lógica global, embora de forma indireta.

Alguns países conseguiram "cavalgar" nessa onda, incorporada a um discurso hegemônico de abertura comercial. Um exemplo foi a China, que embarcou na abertura, porém, com uma visão de projeto de país, de definição de nichos estratégicos. A China abriu para o que convinha, entrou como uma cristaleira na Organização Mundial de Comércio (OMC), com todo seu passado de líder do contrabando mundial. Hoje, é líder no lançamento de satélites, setor em que se fechou para evitar a competição.

O Brasil, por sua vez, cometeu um erro de estratégia, achando que bastava abrir para se inserir no mercado internacional, sem investir em competitividade, o que foi um grande equívoco. Prova disso é que a participação do Brasil no comércio internacional decresceu 33% após a abertura. "De 1987 até hoje, o crescimento per capita do PIB foi negativo e tivemos duas décadas perdidas".

Analisando os indicadores do período pós choque cambial de 1999, Dupas destacou que o saldo da balança comercial foi quem contribuiu para a formação do PIB, ao passo que o consumo do governo ajudou na contração. Ou seja, se "resolver" o problema via competitividade espúria, via câmbio, e não pela incorporação de valor adicionado por conta de tecnologia. Como consequência, tivemos crescimento do desemprego, deterioração das relações de trabalho, com aumento do mercado informal e do chamado trabalho flexível, por meio das terceirizações. "A abertura econômica como um processo é inevitável na lógica global para um país com escala como o Brasil, a questão é como e quando fazê-la e como se proteger".

De acordo com o professor da USP, temos hoje um governo que continua enfrentando como desafio central o juro e o câmbio, um governo que exacerbou expectativas no social, um governo refém do seu marketing político e que deve conseguir um crescimento de 3% no ano que vem por conta de uma série de circunstâncias que podem significar o voo da galinha. "A grande questão é: 2004 com crescimento de 3% e marketing político competente, mais eleições municipais, pode significar a consolidação de um poder estatal vigoroso, até porque o PT gosta de governar. O ponto é saber o que acontecerá em 2005, principalmente, se o cenário for pior do que o de 2004".

FREIRA

O economista João Sayad, ex-ministro do Planejamento na administração José Sarney, compartilha da opinião de Dupas quanto aos problemas centrais do governo Lula: juros e câmbio. Para Sayad, uma das alternativas seria encaminhar uma queda da taxa de juros e elevar o câmbio. "Lula perdeu esta oportunidade. Ele recebeu um dote



O professor Gilberto Dupas (à direita) compôs a mesa junto com o vice-reitor Hennemann e com o professor Fernando Ferrari Filho

maravilhoso de FHC (Fernando Henrique Cardoso), que era um câmbio alto que gerou pequena inflação. Com medo da reindexação, Lula levou o câmbio para baixo e caiu neste impasse".

Contudo, o ex-ministro considera que não há dúvida de que, inicialmente, teria de ser feita a opção pelo conservadorismo, visto o cenário de instabilidade no início do ano. "Eu brinco que Lula era como uma mulher da vida, que tinha que se mostrar como uma mulher honrada para assumir o governo. Só que se transformou em uma freira. E, ao se transformar em uma freira, gerou uma expectativa dos mercados financeiros que não é real. Não vai resistir. Vai tirar o hábito e sair correndo pela rua. Por isso, não é preciso discutir outro modelo, um chamado plano B, o que seria uma aventura".

O que tem de ser incentivado é o crescimento econômico, e não com índices irrisórios, na faixa de 3% ao ano, como o proposto para 2004. "Perdemos uma geração, há uma geração inteira de brasileiros jovens e nem tão jovens assim que foram para o desemprego e lá ficarão. Não podemos perder mais uma geração e, por isso, com crescimento de 3% não dá nem para começar a conversar sobre inclusão social".

Alternativas para superar este impasse foram discutidas no painel sobre investimento direto e políticas industrial e tecnológica. O professor de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mário Possas afirma que, embora a industrialização tenha sido concluída, a capacidade da indústria de se tornar auto-suficiente na geração dos seus fatores de competitividade permanece em aberto e requer políticas. "Capacitar-se para se tornar competitivo requer inovação, investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D), investimentos de risco e financiamento público. No horizonte de curto prazo, é importante desenvolver a competitividade, a eficiência, ao passo que no longo prazo, devemos pensar em um processo de desenvolvimento que não está concluído: o desenvolvimento pleno e auto-sustentado", afirma o professor. "Este é o passo final a ser dado, pois é impossível ser competitivo sem ser inovativo no plano internacional".

POLÍTICA TECNOLÓGICA

Mas, neste contexto, por que seria tão fundamental a competitividade? Possas explica que, como o Brasil está em um estágio não plenamente desenvolvido, há círculos viciosos que não foram rompidos, que entram uma dinâmica empresarial, econômica plena. Tais entraves se dividem em dois pontos. O primeiro é a vulnerabilidade externa, que vai continuar perseguindo o País enquanto o nó da competitividade não for desatado. "Temos de eliminar este círculo vicioso, pelo qual o País começa a crescer e logo o balanço de pagamentos tem dificuldade de financiamento, ocorrendo nova ameaça de crise cambial". O segundo entrave são os escassos financiamentos. "Temos de ser competitivos no longo prazo e não há outro caminho que não seja a capacidade interna de gerar inovações".

Ao lado da política industrial, o professor da UFRJ abordou a política tecnológica como fator indispensável ao desenvolvimento e defendeu uma participação mais efetiva do setor público como incentivador dos investimentos nesta área. De acordo com o economista, é preciso pensar política tecnológica num contexto mais amplo de políticas econômicas, para que de fato haja mecanismos de pressão permanentes, estruturais, colocando a modernização como elemento da sobrevivência. "A medida que o esforço tecnológico se propaga, tende a contaminar positivamente as cadeias produtivas. Isso tem o benefício de tornar a capacidade inovativa um requisito de sobrevivência, e não apenas um luxo".

Por outro lado, destacou Possas, a política macroeconômica - e a política fiscal em especial - tem papel fundamental. "O caráter restritivo da política fiscal há anos no Brasil, gerador de superávits primários, joga contra, inviabilizando atividades de longo prazo".

Já Edmundo Machado de Oliveira, assessor especial do Ministro

da Fazenda, Antônio Palocci, afirmou que é preciso mudar o foco para que as empresas venham ao longo do tempo a arcar com o principal da pesquisa, como ocorre em países desenvolvidos e emergentes, a exemplo da Coreia e de Taiwan. "É preciso cercar a inovação de um ambiente onde o capital de risco possa financiar o crescimento das empresas. Isso deverá ser equacionado com a lei de inovação, que está para ser encaminhada ao Congresso e que permitirá um certo nível de destinação de recursos para a pesquisa e desenvolvimento dentro da empresa, com contrapartidas a serem definidas", diz Oliveira.

Este projeto, que está sendo desenvolvido há cerca de seis meses por um grupo interministerial, priorizará quatro áreas estratégicas: microeletrônica e semicondutores, software e tecnologia da informação, fármacos e medicamentos e bens de capital. Tais áreas foram consideradas estratégicas, conforme o assessor, por crescerem bem acima do desempenho da economia mundial. Softwares e semicondutores, por exemplo, são atividades que crescem a ritmo acima de 10%, 12% ao ano, nos últimos 25 anos. "Perder a capacidade de acompanhar estas indústrias significa não só um empobrecimento em conhecimento, mas construir a vulnerabilidade externa em longo prazo. O problema da vulnerabilidade não é só relacionado à balança comercial, mas é uma questão de competitividade".

ALCA À LA CARTE

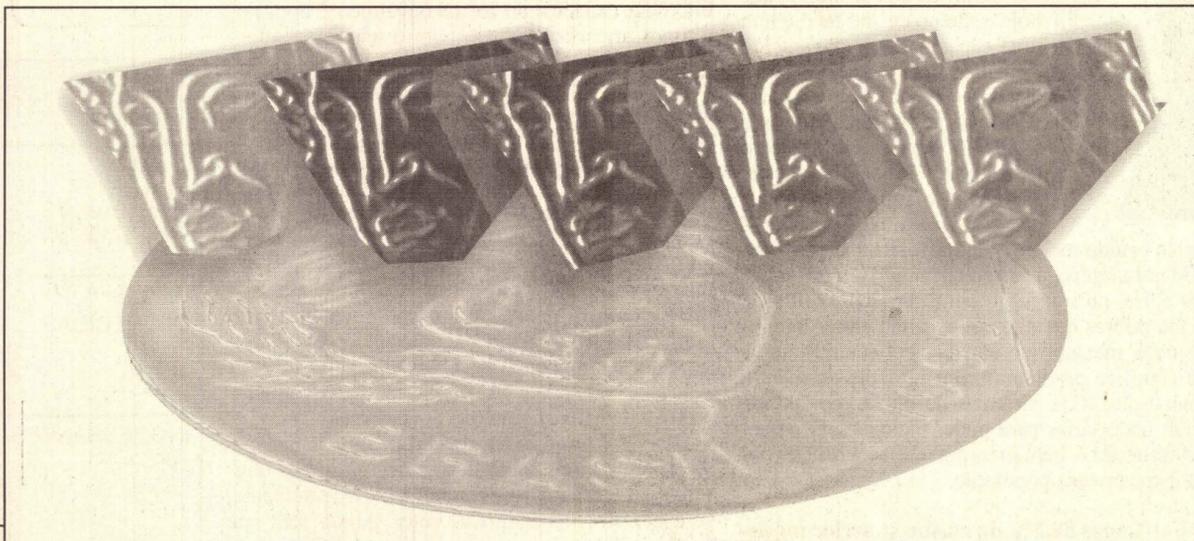
No painel final do seminário, intitulado "Relações internacionais e a inserção externa", a questão da competitividade voltou ao debate, só que desta vez oscilando entre a posição de vilã e de heroína nas negociações, já que cada país se dispôs a abrir seus mercados desde que garanta condições vantajosas para os setores em que é mais competitivo e consiga proteger aquelas atividades mais frágeis. O professor Renato Baumann, da Universidade de Brasília (UnB) e diretor regional da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), afirma que as duas pré-condições para o avanço das negociações, seja com a OMC, seja com a União Européia ou para a formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) envolvem o equacionamento sobre a dimensão do desenvolvimento e sobre a agricultura. Tais temas afetam de forma definitiva os países emergentes, que são economias primárias exportadoras, com sua pauta fortemente influenciada por componentes de recursos naturais. "Estas questões, porém, afetam também países industrializados, pelo fato de que o comércio é distorcido por barreiras e subsídios", diz Baumann.

Em especial quanto à Alca, o professor da UnB destaca as diferenças acentuadas entre os países participantes da negociação. O Nafta, por exemplo, que reúne Estados Unidos, Canadá e México, tinha em 2000 um PIB global de US\$ 11 trilhões (US\$ 9 trilhões dos EUA), enquanto a Comunidade do Caribe, com 16 países, somou no mesmo ano PIB de US\$ 28 bilhões. Outro dado refere-se ao grau de dependência dos países da região quanto às exportações para canadenses e norte-americanos. Em 2000, cerca de 20% das exportações do Mercosul eram destinadas à América do Norte, ao passo que mais de 50% das vendas externas dos países centro-americanos iam para a região. Isso mostra que há interesses bem distintos nas negociações.

Baumann lista ainda uma série de argumentos favoráveis e contrários à Alca. Entre os favoráveis estaria o acesso a 32 mercados mais os Estados Unidos, redução da margem para o populismo econômico, importação de insumos facilitada, acesso a melhores práticas, atração de investimentos externos e a redução de custos operacionais com a substituição do emaranhado de acordos bilaterais e trilaterais por um acordo hemisférico. Entre os argumentos contrários estaria o risco de desequilíbrio comercial e de penetração de empresas em setores que hoje não são abertos à concorrência internacional, como a área de serviços; risco de preservação de barreiras e políticas de subsídios, bem como o risco de não-sobrevivência dos acordos regionais, como o Mercosul. "Neste contexto, haveria três cenários possíveis para a Alca: uma Alca abrangente, levando ao pé da letra o projeto original; uma Alca factível, aceitável; ou uma Alca substituída por acordos bilaterais, em lugar de algo hemisférico".

O diretor do Departamento Econômico do Ministério das Relações Exteriores, Piragibe Tarragô, acredita que a negociação desembocará em uma Alca do possível, de onde se possa extrair benefícios sem ter de pagar muito por isso. "Será uma Alca à la carte, cada um escolhe o que pode fazer, o que pode negociar. O Brasil vai limitar sua atuação na negociação de acesso a mercados, onde acha que tem mais a ganhar, já que não poderá entrar em temas como regras antidumping e subsídios, pontos que os americanos não querem negociar".

O integrante do Ministério das Relações Exteriores lembrou ainda que a importância dada à Alca não se deve apenas ao que representa o mercado americano, mas pelo fato de as negociações com a União Européia andarem em paralelo. "As duas negociações andam juntas. Se a Alca fracassar, pode ser que os europeus percam o interesse pelo Mercosul. E o Brasil não quer colocar todos os ovos na mesma cesta". Diante disso, Piragibe destaca que o fundamental é garantir a competitividade para crescer. "Apenas o fortalecimento da infraestrutura humana e física é que leva ao aumento da competitividade", diz o economista.



DILVO RISTOFF

Fortalecimento do sistema público é a única esperança

Em meados de novembro Porto Alegre foi sede do XVI Encontro de Pró-reitores de Graduação da Região Sul, uma realização da regional Sul do ForGrad, Fórum dos Pró-reitores da área. Um dos palestrantes foi o professor Dilvo Ristoff, diretor de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ele falou sobre O Censo na Educação Superior e algumas implicações para o desenvolvimento do Plano Nacional de Graduação. Na sua informativa palestra e, depois, na detalhada entrevista que concedeu a Clovis Ott, do JU, o professor Ristoff chamou a atenção para dados obtidos pelo Censo da Educação Superior 2002 e formulou reflexões a respeito. Entre outras, advertiu que o ensino superior no sistema privado está virtualmente esgotado; se tudo ficar na dependência das forças inerciais e do mercado, não será atingida a meta do Plano Nacional de Educação, de colocar 30% da população de 18 a 24 anos na educação superior até 2010; uma parcela grande de aspirantes a um diploma não tem condições de se manter numa universidade, ainda que esta seja pública e gratuita. Por fim, e em decorrência de tudo o que demonstrou, o professor Ristoff sentenciou que a única esperança de inclusão dos enormes contingentes que buscam e buscarão educação superior passa por inadiáveis políticas de fortalecimento do setor público de ensino.

Jornal da Universidade - Quais foram as principais questões que os resultados do censo trouxeram à tona?

Dilvo Ristoff - Muitas coisas. Eu diria que a principal questão revelada no censo foi que a expansão do ensino superior privado começa a chegar próxima ao esgotamento. Hoje não podemos mais pensar em atingir a meta do Plano Nacional de Educação, que é de colocar 30% de população da faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior até 2.010, unicamente dependendo das forças do mercado ou da força inercial que nos últimos 5 anos foi de 13% ao ano. Não dá para depender só disso. Se, rigorosamente, nada for feito dentro do referido crescimento inercial de 13% ao ano, chegaremos a 2010 com 9.234.548 alunos. Hoje, das 1.477 mil vagas existentes, apenas 924 mil estão ocupadas. Isso quer dizer que no sistema privado há mais de 400.000 vagas ociosas.

JU - O que o censo revelou quanto ao número de alunos na relação entre os sistemas público e privado?

Ristoff - Hoje temos 3.482.069 alunos na gra-

Ristoff - Isso também faz parte da política dos últimos anos. O sistema público está mais do que esgotado... O ensino público tem sido preterido pelo privado. A política dos últimos anos foi a de permitir a expansão do ensino privado, e o Provío entra dentro desta lógica. Se pode abrir cursos à vontade, depois se aplica o Provío para garantir qualidade. O falso dilema que estava colocado para o governo anterior era: como expandir a educação superior, como melhorar os números da educação superior brasileira sem investimento público? A resposta foi abrir para o setor privado.

JU - Por que o senhor considera que o ensino superior no setor privado está virtualmente esgotado se a sua grande expansão é relativamente recente tendo se dado, como diz, somente a partir do governo passado?

Ristoff - Porque com a sua abertura desenfreada a expansão se tornou simples. A pressão vinha das parcelas da população que, excluídas do acesso, exigiam que fosse, rapidamente, encontrada uma alternativa. Então, a alternativa encontrada foi a abertura do setor privado. Daí por que foram abertas escolas em tudo que era esquina. Falo em virtual esgotamento por várias razões: se temos 88,1% das instituições no sistema privado, então já não há muito que expandir; depois, a relação candidato por vaga já está quase em 1/1 no setor; além disso as vagas ociosas estão chegando às quinhentas mil e a inadimplência dos alunos já está batendo nos 30%.

JU - Não lhe parece que a questão da inadimplência pode se agravar em razão do alto índice de desemprego e das alterações econômicas pelas quais o país passa constantemente?

Ristoff - Em uma análise da PNAD (Pesquisa Nacional do Acesso Doméstico) do IBGE, constatamos que temos hoje uma renda familiar média de algo mais do que 3 mil reais entre os alunos que estão na educação superior (em geral). Entre os 8 milhões e 500 mil alunos que estão no ensino médio e chegarão ao ensino superior nos próximos três anos, a renda familiar média apenas passa de mil reais. Na prática isto significa que os alunos que hoje estão no ensino médio têm uma capacidade de pagamento 2,3 vezes menor do que as dos estudantes que hoje já estão no ensino superior. Juntando esses dados, a ideia de esgotamento do setor privado já não pode ser vista como uma fantasia. E atenção para um agravante: o

mesmo estudo mostra que dos referidos 8 milhões e 500 mil alunos que estão chegando em três anos, 25% deles, ou seja, algo em torno dos 2 milhões, são tão pobres que não conseguirão entrar na universidade mesmo que ela seja pública e gratuita. Isso significa problemas com moradia, alimentação, saúde, sistemas de bolsas, coisas que seriam necessárias para poder incluir essas pessoas. A situação é bem mais grave e será difícil conseguir trazer essa população.

JU - Temos 88,1% do ensino superior no sis-



tema privado. A inadimplência e a dificuldade dos alunos para a sua manutenção é motivo para tirar o sono. Já o ensino superior público luta contra conhecidas e enormes dificuldades de financiamento e outras, de toda ordem, acrescidas pelas sombrias projeções quanto às possibilidades financeiras dos futuros pretendentes a uma vaga. Então qual é a solução mais próxima e viável?

Ristoff - A solução é repriorizar os investimentos públicos para que o setor público possa se expandir. Não vejo outra alternativa. O problema é como o governo, que tem a palavra *inclusão* como seu maior mote, possibilitará o ingresso dos 8 milhões e 500 mil que chegarão para estudar em 3 anos. Digamos que a metade deles querem estudar depois do ensino médio. Só aí teremos 4 milhões e 200 mil. Além disso, tem mais 5 milhões que já concluíram o ensino médio e que também têm direito a pleitear uma universidade. Então, o total sobe para 9 milhões. Temos que achar espaço para esse povo. Considerando que a renda deles é bem menor, 2,3 vezes menor que a renda familiar de quem já está hoje na educação superior, não vejo alternativa de incluir essa população a não ser através de pesado investimento nas instituições públicas, para expandir as vagas e criar novas instituições. Temos que repriorizar os financiamentos públicos.

JU - Há pouco, na sua palestra, o senhor mostrou que 40% dos ingressantes nas instituições privadas não concluem o curso. Nas públicas é o mesmo percentual?

Ristoff - É praticamente a mesma coisa. Nas públicas é um pouquinho mais alto.

JU - Na questão da qualificação dos professores, numa relação público-privado, mestres e doutores, o ensino público leva nítida vantagem. Mas como poderá manter essa vantagem ao sofrer com baixos salários e aposentadorias precoces? Como as universidades públicas poderão resistir ao apelo das privadas e estancar a evasão de mestres e doutores para o sistema privado?

Ristoff - As universidades públicas, apesar de todas as dificuldades, conseguiram através da Capes, nestes últimos anos, manter uma política de capacitação docente bastante razoável. Temos um número pequeno de doutores, comparado com outros países desenvolvidos. O investimento público em capacitação foi razoavelmente bom nos últimos anos, comparado com o não-investimento que o setor privado faz nisso. O setor privado expandiu os seus doutores, em grande parte, pelo aproveitamento dos doutores que estavam saindo, por aposentadoria, do setor público. Não significa que esse setor está investindo pesado em capacitação docente. Porque é caro investir na formação de um doutor. As privadas estão recebendo os doutores prontos. Já as públicas têm isso como parte da carreira do professor. Em grande parte, a universidade pública foi vítima de uma lei que aposentou os professores muito precocemente. Isso é um absurdo que estava acontecendo com a aposentadoria precoce.

JU - E este absurdo é reversível?

Ristoff - O prejuízo, de certa forma, é irreversível. No momento em que se tira inúmeros doutores das universidades públicas, evidentemente, se está enfraquecendo este setor. Ainda bem que

o setor privado está aproveitando essas pessoas. Temos pessoas altamente gabaritadas migrando para o setor privado e dando sua contribuição lá. Só que o setor privado vai ter que fazer o seu investimento nos próximos anos porque, com a nova lei, os doutores levarão um tempo bem maior para se aposentar. As universidades privadas não poderão continuar absorvendo assim, de graça.

JU - Qual é a participação do setor público quanto ao total do corpo docente no ensino superior em geral?

Ristoff - Nos últimos anos baixou de 57,2% para 38%. Já no setor privado, a linha é ascendente: está com 62%. Em consonância com o número de alunos. Chamo a atenção para o seguinte; em relação aos doutores, embora o setor público responda hoje somente por 11,9% das instituições, este detém 65% dos doutores, ou seja, o grande potencial ainda está nas públicas.

JU - O senhor classifica como fundamental o fortalecimento do ensino público. A necessidade é imediata mas o orçamento destinado ao setor é insuficiente para atendê-la. Então, com que fontes de financiamento pode-se contar?

Ristoff - Há outras fontes de financiamento e outros tipos de modelo. Por exemplo, outra fonte de financiamento, que chamo de repriorização. A ideia é mantermos o financiamento no setor pú-

blico do jeito que está ou aumentarmos os impostos é uma falácia, é um falso dilema. Não são só essas duas formas que existem. Há mais. Se pode repriorizar, perfeitamente, a forma de financiar. Isso significa repriorizar as rubricas públicas, ou seja: vamos alocar isso, aquilo, vamos gastar menos aqui, vamos gastar mais lá. Acredito que temos que buscar outras fontes também. Podem ser criadas doações para fins de projetos específicos, como é feito nos EUA. Acho que deveriam ser 100% isentos de imposto de renda. São uma grande fonte de capacitação de recursos. Normalmente, os ex-alunos de universidades norte-americanas doam recursos para cátedras de todos os tipos. A diferença disso para a doação é que permite que se trabalhe com juros para financiar o projeto. Não é o principal, mas os juros, os ganhos, que pagam o projeto, de forma que este financiamento se mantém ao longo do tempo.

JU - Esta modalidade de financiamento teria alguma semelhança ao papel exercido pelas fundações?

Ristoff - Não. Quando vejo fundação vejo venda de serviços dentro do campus. Fundação dentro do campus, hoje, chamo de universidade própria. Digo que existem três tipos de universidades dentro das universidades públicas (estaduais e federais): a Unig (universidade da Graduação), a Unic (universidade da Capes e do CNPq, da pós-gradu-



ação) e a Ufa (universidade das fundações de apoio) ou seja, a universidade que trabalha com a venda de serviços. A primeira faz graduação, se imagina democrática e pública; a Unic se imagina pequena e catedrática; e a Ufa só pensa no pró-

prio umbigo, só vende serviços para completar salário de professor. Em grande parte acaba acontecendo isso. Ela não faz só isso, faz mais que isso. Elas se tornaram tão fortes dentro do setor público que são capazes de solapar a própria política institucional, hoje. Cito o caso na USP, de uma fundação que criou um curso de graduação pago dentro da própria USP, concorrendo com um curso de graduação regular da USP. Virou até notícia em jornal. Finalmente o Conselho Universitário vetou. Elas são muito fortes, administram milhões de casos, estou falando de muitos milhões. Elas são muito mais fortes e ágeis do que a administração pública consegue ser.

JU - Existe uma realidade herdada através dos tempos e há um projeto de mudança. Isso pressupõe desafios. Quais são?

Ristoff - São dois. O primeiro é a expansão da educação superior e o segundo é a melhoria da qualidade. Apesar de ter havido uma fantástica expansão, continuo a dizer que a ainda é um desafio porque existe uma política de Estado, não de governo, porque foi aprovada pelo Congresso Nacional, que é a ideia de colocar 30% dos alunos de 18 a 24 anos na educação superior até 2010. Hoje temos 9% disso. Para cumprir esta política de Estado temos que quadruplicar o alunado nesta faixa etária. Traduzindo isso em números, temos que colocar mais 4 milhões e 900 mil na graduação do ensino superior. A única esperança de inclusão do enorme contingente que buscará educação superior nos próximos anos passa por políticas de fortalecimento do setor público. Não podemos mais depender da força inercial movida pela força imediata do mercado. Se o Brasil quiser conquistar posição de destaque entre as nações e afirmar sua posição de soberania, precisamos de ações concretas que protejam o interesse do Estado na educação superior, reafirmando-a como um bem público e não uma mercadoria, permitindo que expanda rápida e agressivamente a oferta de vagas. Isso exigirá um esforço hercúleo do governo, da academia e de todos nós. Do governo, porque precisa colocar dinheiro ao lado do discurso; da academia, porque precisará repensar suas atitudes, muitas vezes elitistas e excludentes e de todos porque precisamos tornar cultura a ideia de que desperdiçar cérebros é eticamente condenável e socialmente inaceitável para uma nação que se queira soberana.



INSTITUIÇÕES

TOTAL	1,637
PRIVADO	1,442
FEDERAL	73
ESTADUAL	65
MUNICIPAL	57

% INSTITUIÇÕES

	1994	1998	2001
Públicas	24,6	21,5	11,9
Privadas	74,4	78,5	88,1

ALUNOS NA GRADUAÇÃO PRESENCIAL

ANO	TOTAL	PÚBLICA	PRIVADA
1994	1.661.034	690.450	970.584
1998	2.125.958	804.729	1.321.229
2002	3.482.069	1.053.811	2.428.258

VAGAS OCIOSAS TODO PROCESSO SELETIVOS

	TOTAL	PÚBLICAS	PRIVADAS
VAGAS OFERECIDAS	1.733.087	295.354	1.477.733
INGRESSANTES	1.251.140	280.491	924.649

DOCENTES EM EXERCÍCIO

	MESTRES	DOCTORES
PÚBLICA	62,2%	65%
PRIVADA	37,8%	35%

EDUCAÇÃO SUPERIOR

GRADUAÇÃO PRESENCIAL
Evolução da Relação Matrículas/Docentes em Exercício, por Categoria Administrativa
Brasil - 1991 - 2002

Ano	Total	Pública	Privada
1991	11,8	8,4	15,7
1992	11,4	8,7	14,6
1993	11,6	9,0	14,6
1994	11,7	9,2	14,7
1995	12,1	9,2	15,3
1996	12,6	9,8	15,4
1997	11,7	9,0	14,6
1998	12,9	9,6	16,2
1999	13,6	10,3	16,5
2000	14,7	11,3	17,3
2001	14,8	11,6	17,0
2002	15,3	12,5	16,9

Fonte: MEC/INEP/DAES

EDUCAÇÃO SUPERIOR

GRADUAÇÃO PRESENCIAL
Evolução da Relação Candidatos/Vagas nos Processos Seletivos, por Categoria Administrativa

Ano	Total	Pública	Privada
1991	3,8	6,2	2,7
1992	3,4	6,1	2,2
1993	3,7	6,6	2,4
1994	3,9	7,3	2,4
1995	4,3	7,9	2,9
1996	4,0	7,5	2,6
1997	3,9	7,4	2,6
1998	3,6	7,5	2,2
1999	3,5	8,0	2,2
2000	3,3	8,9	1,9
2001	3,0	8,7	1,8
2002	2,8	8,9	1,6

Fonte: MEC/INEP/DAES



duação presencial. Destes, 2.428 mil no setor privado e 1.053 no setor público. Em relação a 1994, constatamos que o número de alunos no setor público nem chegou a dobrar, enquanto no privado, triplicou. Temos 88,1 das instituições e 70% das matrículas no sistema privado.

JU - O senhor fala em virtual esgotamento do sistema privado, mas é o sistema público que não tem vagas para atender à grande demanda e única oportunidade de ascensão da esmagadora maioria dos brasileiros...

DESTAQUES

Pesquisadoras recebem prêmio do CNPq

A UFRGS mais uma vez é destaque nacional com a premiação de duas pesquisadoras. Com o tema "Água - Fonte de Vida" o Prêmio Jovem Cientista do CNPq teve 345 trabalhos inscritos este ano nas categorias graduados e estudantes de graduação. Para a comunidade científica, este é um dos mais importantes prêmios do gênero, que tem por objetivo incentivar a pesquisa no Brasil.

Em novembro, duas pesquisadoras do Laboratório de Tecnologia Mineral e Ambiental da UFRGS (LTM) receberam das mãos do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o XIX Prêmio Jovem Cientista, promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O primeiro lugar na categoria estudante foi para Cristhiane Assenhaimer, aluna do sétimo semestre do curso de Engenharia Química, que desenvolveu a pesquisa "Purificação de águas contendo íons sulfato, usando resíduos do processamento do camarão". Liliansa Amaral Feris, engenheira química e doutora pela UFRGS, recebeu o prêmio na categoria graduados com o trabalho de doutorado referente à reciclagem de um subproduto do beneficiamento do carvão como adsorvente de metais pesados.

Para Cristhiane, o prêmio trouxe a certeza de prosseguir como pesquisadora, o que vem ao encontro do interesse das fomentadoras de pesquisas e dos laboratórios que recebem bolsistas de graduação. "É um esforço nacional para que eles continuem investigando no mestrado e no doutorado", diz Jorge Rubio, orientador das pesquisas premiadas. Cristhiane avalia que a experiência de três anos como bolsista do Laboratório de Tecnologia Mineral e Ambiental resultou em vários aprendizados impossíveis de acontecer na graduação, "onde tudo está pronto". Ela argumenta que resolver problemas, buscar respostas, faz o aluno aprender a ter iniciativa e a entender o que está acontecendo.

Liliansa salienta a oportunidade que o pesquisador tem de divulgar seu trabalho através de premiações como esta do CNPq, que despertam o interesse dos empresários. Segundo ela, o meio científico não conta com espaço na mídia para divulgação do que desenvolve em seus laboratórios. "O prêmio está servindo para que as indústrias entrem em contato comigo através de e-mail, pedindo informações sobre a pesquisa ou convidando para dar palestras". Atualmente, Liliansa leciona no programa de pós-graduação em Engenharia: Energia, Ambiente, Materiais, da Ulbra, em Canoas, onde também dá aula na graduação, no departamento de Engenharia Ambiental.

O Prêmio Jovem Cientista foi criado em 1981 para incentivar a pesquisa no Brasil. É uma produção conjunta do CNPq, Fundação Roberto Marinho, Eletrobrás e Grupo Gerdau. A escolha do tema de cada edição busca atender a demandas da sociedade na solução de problemas do cotidiano. Em 2004, o tema do XX Prêmio Jovem Cientista será "Produção de Alimentos: Soluções para a Fome".

1º LUGAR CATEGORIA ESTUDANTES

Indústrias como as de fertilizantes químicos e mineradoras produzem efluentes líquidos saturados de íons sulfato, que, ao se associarem com outros elementos químicos, causam entupimento nas tubulações. Além deste prejuízo para a empresa, o meio ambiente também é afetado. Como não há conhecimento de técnicas eficientes e econômicas para a remoção de sulfato, a indústria acaba jogando fora esta água contaminada, por não ter como tratá-la.



Liliansa Amaral Feris e
Cristhiane Assenhaimer

ção, a introdução de bolhas de ar, que aderem ao sólido, levando-o à superfície. Resulta deste processo duas partes, uma clarificada e outra mais escura e sólida, na superfície. O líquido limpo está pronto para ser descartado nos meios hídricos e o sólido (agora poluído) é depositado devidamente, de acordo com a legislação.

Orientador diz que o trabalho do LTM foi recompensado

O orientador das pesquisas premiadas no XIX Prêmio Jovem Cientista, do CNPq, Jorge Rubio, considera importante que o prêmio tenha sido dado a duas pesquisas que trabalham basicamente com a utilização de resíduos abundantes no Brasil para tratar efluentes líquidos. "Estes resíduos poderiam gerar contaminação caso não fossem retirados do meio ambiente", observa o professor.

Nascido no Chile, e com longa experiência profissional em países como Inglaterra e Estados Unidos, Rubio escolheu voltar a trabalhar na América Latina, onde acredita que tudo está ainda por acontecer. Mas hoje, sente-se realizado com o reconhecimento nacional e internacional do Laboratório de Tecnologia Mineral e Ambiental da UFRGS (LTM), que ele coordena. "Os prêmios comprovam isto", comenta o professor.

Segundo ele, mais de 60% dos alunos que entram para fazer iniciação científica no LTM seguem como pesquisadores. Entretanto, Rubio reconhece que ainda há muito o que fazer. "Estamos na área tecnológica e nosso país depende muito da tecnologia. Embora exista um volume muito maior de pesquisadores do que há 20 anos e muitos bons trabalhos de mestrado e doutorado no Brasil, ainda é pouco, comparado a outros países e mesmo se considerarmos o tamanho da população brasileira."

Na opinião do pesquisador e orientador esta realidade exige que o Brasil desenvolva mais patentes, mais processos e aumente exponencialmente a produtividade. Diferente do que pensava na década de 80, quando fazia pesquisa pela pesquisa, hoje Rubio acredita que o pesquisador não pode ficar enclausurado nas universidades, sem nenhuma interação com o setor produtivo. "A sociedade estava pedindo uma demanda que nós, intelectuais, não tínhamos capacidade de suprir e a saída foi, no nosso caso, combinar ciência básica e engenharia," argumenta o orientador das premiadas do XIX Prêmio Jovem Cientista do CNPq.

cas para a remoção de sulfato, a indústria acaba jogando fora esta água contaminada, por não ter como tratá-la.

A pesquisa desenvolvida por Cristhiane Assenhaimer, em parceria com a estudante de mestrado Adriana Moret Borges, utilizou resíduos do processamento do camarão para solucionar este problema. Duas informações foram fundamentais para desencadear todo o processo: 1) a quitina, polímero natural associado à casca do camarão, tem características absorventes de íons sulfato; 2) o Brasil, um dos maiores produtores mundiais de camarão de água doce e salobra, tem excesso de lixo despejado em aterros sanitários, muitas vezes de forma não controlada.

As pesquisadoras reproduziram as condições de efluentes líquidos em laboratório, adicionando à água contaminada porções calculadas de casca de camarão preparadas para o tratamento. Posteriormente, repetiram o experimento em dois efluentes industriais. "Nos vários ensaios realizados conseguimos 92% de remoção dos íons sulfato presentes", ilustra Cristhiane.

2º LUGAR CATEGORIA GRADUADOS

A doutora em engenharia pela UFRGS, Liliansa Amaral Feris, tirou o segundo lugar na categoria graduados na 19ª edição do Prêmio Jovem Cientista. Em sua pesquisa, ela avaliou a possibilidade de utilização dos resíduos sólidos do beneficiamento do carvão de indústrias mineradoras no tratamento de águas contaminadas provenientes de indústrias metal-mecânicas. A pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Tecnologia Mineral e Ambiental da UFRGS (LTMA), de 1996 a 2001, quando concluiu o doutorado.

Assim como Cristhiane, Liliansa utilizou um resíduo abundante no Brasil para transformá-lo em material útil. "Esses rejeitos não são aproveitados para nada. Ficam expostos à intempérie e muitas vezes acabam formando um líquido ácido que con-

tamina o meio ambiente por conter metais como cobre, zinco e níquel." A partir desta constatação, a pesquisadora passou a investigar as características químicas e físicas e físico-químicas desse material, para utilizá-lo no processo de tratamento de águas contaminadas.

O resíduo de carvão é triturado até atingir o tamanho ideal, transformado em blocos como se fossem esponjas com alta porosidade. Na indústria, o processo compreende duas etapas. A primeira é chamada de sorção, quando o subproduto do carvão absorve os metais pesados existentes no efluente ao qual foi misturado. A segunda etapa é separar o sólido do líquido através do processo de flota-

Estudante de Medicina é Destaque em Ciência da Vida

No dia 24 de novembro o estudante do oitavo semestre do curso de Medicina da UFRGS, Oscar Philippe Pernigotti Dall'Igna, esteve em Brasília acompanhado de seu orientador Diogo Onofre Gomes de Souza, para receber o Prêmio Destaque do ano de Iniciação Científica, na categoria Ciências da Vida, promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Como bolsista, Dall'Igna foi premiado pelo projeto *Novas Abordagens Terapêuticas e Etiológicas para doença de Alzheimer e Esquizofrenia: Estudos em Modelos Experimentais*.

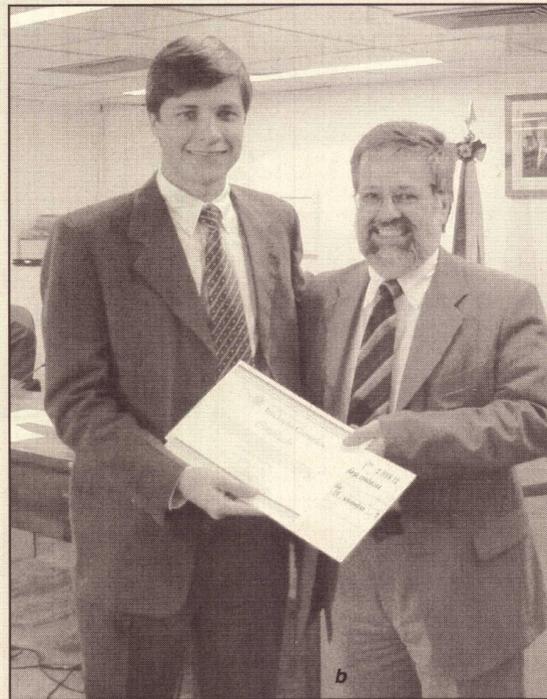
Segundo o estudante, ambas as doenças são bastante recorrentes. Com base em dados de pesquisas internacionais ele afirma que a esquizofrenia atinge 1% da população mundial independente de raça, etnia, situação econômica ou geográfica. Quanto à doença de Alzheimer, Dall'Igna afirma que atinge 11% da população acima de 65 anos.

O projeto *Novas Abordagens Terapêuticas e Etiológicas para doença de Alzheimer e Esquizofrenia: Estudos em Modelos Experimentais* conta também com a coorientação de Diogo Lara, professor do Programa de Pós-graduação do mesmo curso e da PUCRS. Foi ele quem convidou Dall'Igna a participar do grupo de pesquisa de esquizofrenia que desenvolve. Por iniciativa própria, o estudante estendeu sua investigação para questões relativas à doença de Alzheimer. Desta forma, usando cobaias de laboratório e cultura de células, realizou uma série de experiências para testar diferentes drogas como medicamentos potenciais para as doenças em questão.

No caso da Esquizofrenia, um dos modelos realizados foi com flunarizina, uma droga já existente no mercado europeu e sul-americano, empregada no tratamento de vertigem. "Após estudar o princípio como a flunarizina age no cérebro e realizar experimentos em animais, achamos que a flunarizina tem um potencial no tratamento da esquizofrenia", justifica. Injetada na cobaia sob efeito de outra droga que provoca o sintoma da doença, a flunarizina faz com que o animal volte ao estado de equilíbrio normal.

Para o tratamento da doença de Alzheimer outra substância usada foi a cafeína. Com base em estudos que revelam a menor incidência da doença entre pessoas que bebem mais café, os pesquisadores resolveram testar a cafeína. Foi realizada a experiência em uma cultura de neurônios de cerebelo onde aplicou-se uma dose de peptídeo beta-amiloide, causador da morte de neurônios, que caracteriza a doença de Alzheimer. Verificou-se que na cultura onde foi introduzido um percentual de cafeína não ocorreu a morte neuronal.

Em função do sucesso das pesquisas, elas já vêm obtendo muita repercussão e recebendo incentivos. "Diogo Lara recebeu financiamento do CNPq para fazermos experiência em pacientes com doença de Alzheimer", comenta Dall'Igna. Quanto à esquizofrenia, o financiamento virá de um órgão filantrópico norte-americano para que se teste a flunarizina em seres humanos. Uma das preocupações dos pesquisadores, atualmente, é o registro da patente para resguardar a autoria da investigação.



Oscar Philippe Pernigotti Dall'Igna (E)

Destaque em Jornalismo Literário

A emoção de ter o trabalho de 15 anos reconhecido e o carinho expresso por grandes autores gaúchos marcaram a noite da jornalista Rejane Salvi na cerimônia de entrega do Prêmio O Sul - Correios e os Livros, quando recebeu a premiação de Destaque em Jornalismo Literário por seu programa diário na Rádio da Universidade, em estúdio especial na 49ª Feira do Livro. Esta foi a primeira edição do prêmio promovido pelo Jornal O Sul, da Rede Pampa de Comunicação.

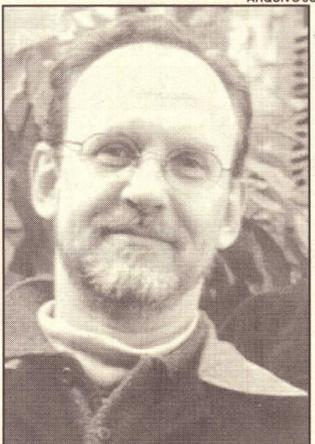
Há 20 anos Rejane trabalha na rádio da UFRGS e há 15 foi pioneira na ideia de transmitir um programa diário direto da Feira do Livro. Este ano Tempo de Livro passou para duas horas de duração (das 17h às 19h) e contou com a participação de um maior número de alunos na cobertura dos 17 dias de Feira. Em média, foram 15 entrevistas diárias, sendo que na edição de encerramento compareceram no estúdio o presidente da Câmara Rio-grandense do Livro, o patrono da Feira e cinco editores para o consagrado debate final sobre o evento.



REJANE SALVI

Luís Augusto Fischer é Destaque de Professor de Literatura do Ano

Honra de ser professor foi o sentimento de Luís Augusto Fischer ao receber o Prêmio O Sul - Correios e os Livros como Destaque de Professor de Literatura do Ano, em cerimônia especial, no dia 8 de novembro, numa promoção da Rede Pampa de Comunicação. Embora reconheça que é raro alguém ser premiado por desempenhar atividade no magistério, para Fischer "no Rio Grande do Sul ser professor é um elogio". Formado há 24 anos em Letras pela UFRGS, há 20 anos dá aula no Instituto onde fez graduação. Antes disso, já havia se iniciado na profissão como professor de ensino médio em escolas particulares e cursinhos, onde trabalhou por oito anos. Além de professor, Fischer é autor de nove livros e coparticipou de mais dez obras. Tem colunas especiais na revista *Estilo* e nos jornais *ABC Domingo*, *Zero Hora* e no caderno *Folhateen* da *Folha de S.Paulo*. Também é colaborador das revistas *Bravo*, *Super Interessante* e *Aplauso*.



ARQUIVO UJ

CAMPUS



RENI JARDIM

Rádio da Universidade comemora 46 anos

A rádio universitária mais antiga do país, ao completar 46 anos, cumpre mais do que seu dever de informar e entreter, passando a atuar como efetivo espaço acadêmico onde jornalistas experientes acolhem estudantes não só do curso de Comunicação como também de diferentes unidades da UFRGS. Juntos, eles fazem a programação da Rádio da Universidade que permanece no ar 24 horas por dia, oferecendo música, debates polêmicos, entrevista com pesquisadores, e o que a comunidade acadêmica produz e pensa.

No dia 18 de novembro uma série de apresentações especiais marcaram o 46º aniversário da Rádio da Universidade. Na ocasião, foi inaugurada a Sala de Memória da Rádio, reunindo peças como o primeiro microfone e a primeira mesa de som construída pelos alunos da Escola de Engenharia, curso que impulsionou a criação da rádio para as aulas práticas de construção de transmissores do então professor Antônio Alberto Goetz, idealizador do primeiro projeto da Rádio.

Embora o percurso histórico da emissora tenha sofrido alguns percalços, como quando foi retirada do ar em dezembro de 1953 por incluir música em sua programação, liberada apenas para "transmissão de ensinamentos, palestras, etc", o empenho para sua implantação sempre foi o mesmo. Assim, depois de

uma série de idas e vindas à capital federal, no início da noite de 18 de novembro de 1957, voltava ao ar a Rádio AM da Universidade, na frequência 1080kHz. Hoje, o sonho do professor Goetze é acrescido de novas tecnologias. Desde 1999, quando foi instalado um servidor de *Real Audio* nos dois estúdios, a rádio pode ser captada em qualquer parte do mundo via portal da UFRGS, na Internet.

NOVA CONCEPÇÃO DE RÁDIO

Voz e música, binômio que a audiência da Rádio da Universidade está aprendendo a compartilhar dentro da nova concepção de emissora, proposta pela jornalista e professora do curso de Jornalismo, Sandra de Deus, que assumiu a direção da rádio em julho de 2002. Desde então, ela vem promovendo junto com os jornalistas da emissora e alunos, uma nova programação, que abre mais espaço para a voz e reorganiza o tempo destinado à música. Atualmente, vão ao ar pela manhã programas de jornalismo, à noite e madrugada basicamente música e, à tarde, um pouco dos dois. "Logo no começo, os ouvintes ligavam reclamando da diminuição do espaço musical", comenta a diretora. Mas, com o tempo, eles estão se acostumando, garante: "nós explicamos que a rádio precisa cumprir seu papel informativo e acadêmico".



RICARDO DE ANDRADE

Prédio restaurado atende 100% do ensino de Plantas de Lavouras

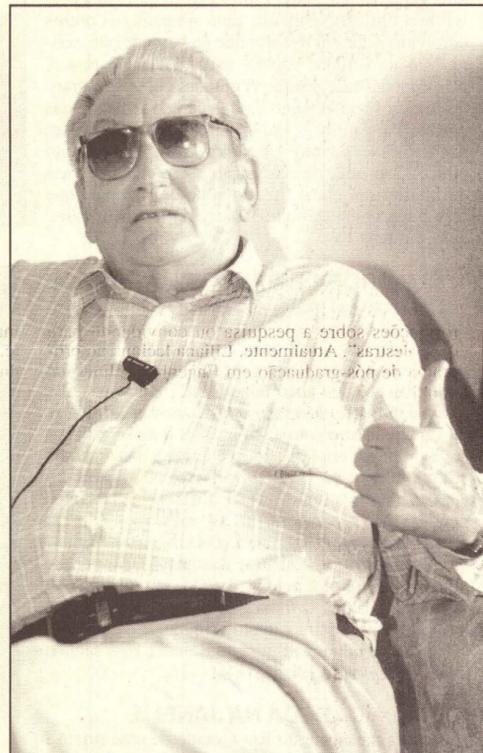
O Departamento de Plantas de Lavoura tem muito a comemorar com a recuperação de seu prédio, atingido por um incêndio. Agora, além de suprir 100% da necessidade de ensino, as novas instalações do setor recebem atividades de outros departamentos da Faculdade de Agronomia. "Todos querem aproveitar as boas salas que temos", comenta com satisfação o chefe de departamento, professor Ribas Antônio Vidal. Segundo ele, cerca de 500 alunos circulam por semana no prédio que passa a contar com um miniauditório de 50 lugares, duas salas-laboratório, além das salas de suporte e banheiros.

Na avaliação do diretor da Faculdade de Agronomia, Gilmar Arduino Bettio Marodin, a entrega do prédio do Departamento de Plantas e Lavouras é de extrema importância para atender a grande demanda por mais salas de aula. "Antes usávamos espaços do prédio central", conta Vidal. "Hoje ocupamos os diferentes espaços com atividades de ensino de segunda a sexta-feira", comenta o professor.

Desde 1920, quando foi construído, o prédio já passou por diversas reformas e adequações às novas necessidades. Na reforma atual o prédio foi adaptado para projeções e trabalhos que envolvam um grande número, de pessoas. Vidal recorda que, antes do incêndio, devido às condições do espaço físico, o número de alunos atendidos era menor. A partir de agora, os 12 professores do departamento – entre efetivos e colaboradores – dividem o trabalho das 15 disciplinas oferecidas pelo Plantas e Lavouras, tanto para a graduação como para a pós-graduação.

Arquiteto Demetrio Ribeiro (1916-2003)

O arquiteto e professor aposentado da UFRGS Demetrio Ribeiro faleceu no dia 22 de outubro, em Porto Alegre, onde nasceu a 87 anos atrás. Filho de uma francesa com um fazendeiro gaúcho, viveu parte da infância na fazenda do Boqueirão, no Passo do Inferno, em Alegrete, estudou em Paris e completou os estudos em Montevidéu, formando-se em Arquitetura na Universidad de la República, em 1943, tirando nota máxima nas duas séries de Teoria da Arquitetura, com o que poderia ter recebido atestado de laureado, mas não se interessou por isso. De volta ao Brasil, teve que fazer a revalidação do diploma de arquiteto e do curso secundário no Rio de Janeiro. Em 1946, quando Tasso Correa criou o Curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes (IBA), Demetrio foi convidado a integrar o corpo docente. Em 1951 ele participou da comissão universitária que fundou a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, a partir da unificação dos cursos existentes, o do IBA e o da Faculdade de Engenharia. De 1952 a 1964, foi titular da disciplina Composições de Arquitetura. Com o golpe militar, foi cassado junto com outros professores, depois de um longo processo. Demetrio sempre se orgulhou de ser comunista: era filiado ao Partido Comunista Brasileiro. De 1967 a 1969, foi presidente da seção gaúcha do Instituto dos Arquitetos do Brasil. Mas nunca foi esquecido pelos alunos. Em 1980, com a Anistia, foi reintegrado à UFRGS como professor titular, voltando a encantar os alunos com suas aulas, consideradas magistrais.



Crianças comemoram Brinquedoteca reformada

Instaladas há pouco mais de um mês em novo e amplo espaço físico, as 18 crianças que frequentam a Brinquedoteca da UFRGS ainda se atrapalham ao circular entre as salas. "Aumentou a auto-estima de todos, alunos e funcionários", avalia a chefe da Brinquedoteca, pedagoga Ana Maria Fernandez ao comentar a alegria das crianças que investigam o novo espaço e a satisfação dos funcionários por ter melhores condições para trabalhar. "Está bonita e aconchegante", comenta Ana Maria.

A nova casa, como é afetuosamente reconhecida por pais e alunos, foi inaugurada no final de outubro e conta com quatro salas de aula, refeitório, cozinha, lavanderia e três banheiros. Toda em alvenaria, ela foi totalmente reequipada e o pátio recebeu tratamento especial para o melhor uso das crianças. No total são 13 pessoas que trabalham na Brinquedoteca: oito recreadores, dois funcionários terceirizados, duas pedagogas, dois porteiros e uma bolsista.

Originalmente, a Brinquedoteca deveria funcionar apenas como espaço lúdico, sem fins pedagógicos. Mas isto durou pouco tempo e logo foi transformada em escola. Hoje atende crianças de três a seis anos em dois turnos, organizadas em turmas de maternal um e dois, jardim um e dois. Segundo a previsão de Ana Maria, embora a tendência seja aumentar a procura, a direção não vai aumentar o número de vagas. Para quem quiser conferir uma das tradicionais atividades da Brinquedoteca, dia 19 de dezembro, às 15h30min, no IPH, será realizada a formatura do Jardim B, na sequência haverá a festa de Natal da escola.

RICARDO DE ANDRADE



UFRGS entrega novo micro-ônibus

A UFRGS entregou à Faculdade de Agronomia um microônibus com 30 lugares. Há cerca de um ano e meio, cinco unidades da UFRGS criaram o Grupo Frota para racionalizar o uso e os custos com os transportes necessários às atividades de graduação e pós-graduação. "O volume de passageiros transportados por essas unidades ultrapassa os 20 mil por semestre, percorrendo quase 300 mil km no mesmo período", contabiliza o diretor do Instituto de Biociências Jorge Ernesto de Araujo Mariath.



RICARDO DE ANDRADE

Na avaliação do diretor da Faculdade de Agronomia, Gilmar Arduino Bettio Marodin, "esta é a primeira ação que resulta do trabalho conjunto do Grupo Frota". Segundo ele, a aquisição de mais um ônibus é especialmente bem-vinda para os alunos da Agronomia que estão entre os que mais usam este serviço. "Os estudantes de Agronomia percorrem cerca de 50 mil quilômetros durante seu curso de cinco anos em função de excursões e viagens de aulas práticas ou visitas técnicas", comenta o diretor.

Mariath também atribui esta primeira vitória à ação coordenada e cooperativa dos diretores e vice-diretores das unidades envolvidas. Além da Faculdade de Agronomia e do Instituto de Biociências, fazem parte ainda do grupo os Institutos de Geociências, de Pesquisas Hidráulicas e a Faculdade de Veterinária. Constam da frota de 18 a 20 veículos, incluindo ônibus, microônibus, Kombis e Toyotas, alguns deles com 30 anos de uso. O mais antigo é o conhecido Trovão Azul, de 1972, ônibus de 36 lugares, vinculado ao IPH.

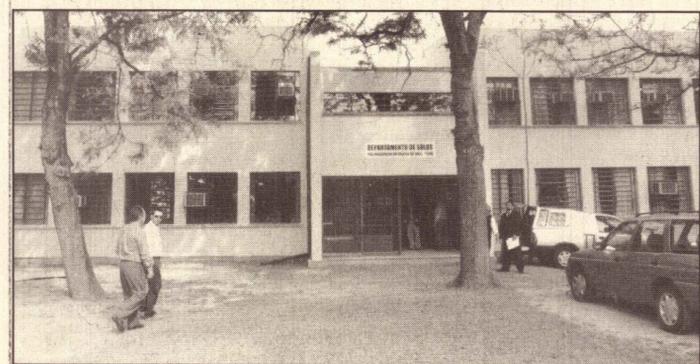
Pelo tempo de uso dos veículos, atualmente são muitos os custos com manutenção. Por isso, o próximo objetivo do Grupo Frota para melhor qualidade e segurança é a construção de uma garagem coletiva com infra-estrutura para a racionalização total de utilização, manutenção, conservação e operacionalidade global por parte das unidades.

Departamento de Solos ganha mais espaço

A conclusão da segunda etapa do primeiro módulo de ampliação do Departamento de Solos, no final de outubro, simboliza a racionalidade de espaços em benefício de alunos, professores e funcionários. "Agora podemos abrigar adequadamente a secretaria, local melhor os professores e ampliar tanto os laboratórios de pesquisa como as salas para estudantes de mestrado e doutorado", comenta o chefe do Departamento de Solos, Pedro Alberto Selbach.

Segundo o diretor da Faculdade de Agronomia, Gilmar Arduino Bettio Marodin, esta obra era uma demanda de mais de 12 anos. "Até então, o prédio vinha sendo semi-utilizado", comenta o diretor. A primeira etapa do primeiro módulo teve início em 1987, quando foram construídos cinco gabinetes para professores, um laboratório para ensino e outro para pesquisa. Em 1999, com a subdivisão da pós-graduação da Agronomia em quatro programas específicos, os integrantes do Departamento de Solos sentiram a necessidade de mais espaço. "Estava na hora de ampliarmos", recorda Selbach.

Hoje, com a inauguração da segunda etapa do primeiro módulo, o Departamento passa a contar com um setor administrativo que compreende salas para as secretarias, coordenação do programa, chefias e reuniões. No segundo andar, ficam cinco gabinetes de professores e dois laboratórios de pesquisa. "Esta ampliação representa a adequação do espaço físico do Departamento no nível do grupo de professores que o compõe, reconhecido como um dos mais qualificados em solos no Brasil", avalia Marodin.



RICARDO DE ANDRADE

CULTURA

IBERÊ CAMARGO

Como um vagalume no meio da noite

• JUARez FONSECA
Jornalista

Com a comemoração de seu 90º aniversário e a lembrança dos dez anos da morte, em 2004 o gênio de Iberê estará mais uma vez no centro das atenções

Enquanto avançam as obras do museu dedicado a ele, em Porto Alegre, a Fundação Iberê Camargo prepara uma programação de homenagens que vai movimentar 2004, lembrando os 90 anos de seu nascimento e os dez de sua morte. Em dezembro de 1993, fiz uma longa entrevista com Iberê. Na verdade ele propôs que fosse uma conversa, com os assuntos fluindo ao sabor das idéias, não uma entrevista formal sobre vida e obra. "Você vai ver que ele é um filósofo, antecipou o historiador Décio Freitas, seu amigo de longa data, presente ao encontro. Lutando contra o câncer descoberto havia pouco, o artista estava amargo mas mostrava-se tocado pelas homenagens que já lhe começavam a ser prestadas, pelos 80 anos que faria no novembro seguinte - e que não comemoraria, pois morreu em agosto. "Sempre trabalhei sem parar, mas agora não tenho tempo a perder", disse. A seguir, trechos das duas horas de conversa, comprovando a afirmação de Décio.

O IMPORTANTE É SER GENTE

Acho que essas homenagens são um carinho por alguém que já andou um bom bocado de estrada e vai chegando naqueles 80 que tanto apavoram. São uma generosidade, talvez um exagero, pois se a pessoa tem um certo carisma, uma simpatia, os outros começam a dar um ressaltito que na verdade não existe. Mas na verdade não fiz nada, andei tão pouco. Não é modéstia, é porque vi grandes obras, dos grandes mestres, então tenho uma noção do tamanho das coisas. Para mim, o importante é ser gente. Esse negócio de ter talento, ser gênio, se interessa é muito pouco. Sou uma pessoa simples, cresci numa casa do interior em que a luz vinha de um lampião que meu pai acendia de noite e que não tinha nem rádio. Essa é minha base.

QUADROS DE SANTOS NA PAREDE

Desde criança meu sonho era ser pintor, perspectiva muito remota para a época. Aos quatro anos, pegava lápis e papel e gostava de ficar em baixo da mesa desenhando. Meu pai pedia: "Faz o Borges de Medeiros fazendo cocô numa bota", e eu fazia. Tinha paixão pelo desenho, estas coisas estão dentro da gente, nascem com a gente. Mas o meio não ajudava. Meu pai era ferroviário e a única coisa que lia era o folhetim do Correio do Povo. Não havia em casa nenhum estímulo visual a não ser uns santos pendurados na parede. Com 14 anos, morando em Santa Maria, fui estudar na Escola de Artes e Ofícios. Só restam três desenhos daquela época, porque a escola incendiou e perdeu-se tudo - e o que fiz não faria melhor hoje. Um dia o professor me disse que se continuasse assim ganharia o prêmio de viagem. Eu tinha copiado uma figura do Rafael e nem sabia o que era "prêmio de viagem".

COM A CABEÇA NA JANELA

Acho a paisagem do Rio Grande de uma riqueza fantástica, apesar de sua pobreza aparente - é uma colímbia, um horizonte, um campo e um céu. A solidão da paisagem do Rio Grande está dentro de nós, as tardes com aquelas sombras compridas, as estradas vazias da campanha. Na infância eu ficava com a cabeça encostada na janela, olhando aqueles infinitos, observando cavaleiros que vinham, se aproximavam e sumiam. Porque eu tenho mil anos, andei de pé no chão, de tamanco, pelos banhadões, pelos matos. Era um tempo bom, não havia médico mas a gente nem pensava em doença. Meu problema foi que cresci de um dia para o outro. Com 15, 16 anos já era um homem. Ficava furioso quando, ao me ver, uma visita dizia para minha mãe que ela tinha um filho moço, e ela retrucava "não, ele é um guri". Claro que eu tirava vantagens dessa história de ser um moço, foi aí que apanhei minhas primeiras blenorragias... Desde os 16 anos vivia enrabichado em mulheres, com grande incomodação para os meus pais, sempre preocupados que iriam me perder, porque não gostava muito da escola.

VELHO VIRA CARICATURA

Agora, com essa história antecipada dos 80 anos, me pediram para fazer um retrato meu. Eu até nem queria, mas insistiram e fui fazer. Trabalhei cinco



o artista em foto de Cristine de Bem e Canto, extraída do catálogo "Mestre Moderno" (1994)



"Tudo te é falso e inútil I" (1992)



"As idiotas" (1991)

horas consecutivas, sem parar, fiz muitas vezes a minha imagem, muitas vezes, muitas vezes, e nunca me satisfazia isso, aquilo, a cor, e eu botava tudo abaixo e começava de novo. Até que passei a brocha naquilo tudo, peguei um lápis e incisivamente fiz o traço fundamental da minha estrutura, da minha cara. Ficou uma coisa caricatural. E escrevi: "Velho vira caricatura". Dei pro sujeito, "leva isto aqui". Porque foi como me vi neste momento, estou tão cansado de mim que já me acho assim. Então, não tenho esse apreço que motiva as homenagens. Mas que sou de uma exigência absoluta, isso sou. Quantos quadros tenho demolido depois de prontos? Quando acho que não é aquilo, boto tudo abaixo. É um caminho que faço muitas vezes. Se você leva um quadro desses, pode dizer que está levando vários, porque sob o que se vê tem uns quatro ou cinco.

OS CICLISTAS FERROVIÁRIOS

Para quando me perguntam como nasce minha pintura até já formulei uma frase feita: todo pintor-criador é um Pedro Álvares Cabral. Você toma um rumo, mas aí os ventos, que você não sabe de onde vêm, nem da força que têm, te desviam. Você sempre vai encontrar uma praia que não era a que imaginava, sempre aparecerá algo que você não conhecia, porque é uma caminhada, e quem caminha encontra coisas, e as coisas mudam. Aliás, a beleza está justamente em você nunca poder a priori dizer como serão as coisas. A arte existe quando ela é, não quando a formulo em pensamento. Estes ciclistas, por exemplo (Iberê mostra a imensa tela na parede de sua sala de jantar). Eram só dois ciclistas, mas depois de pintá-los, pensei: que curioso, aqui estão todas as cores da estrada de ferro e dos trens - o carvão de pedra, este ver-

melho queimado, este cinza. Todas são cores da minha infância, nasci na beira da estrada de ferro. E as rodas? Mais são de locomotivas que de bicicletas. Mas eu não sabia disso ao pintar. Acho que proponho uma coisa e nosso inconsciente dita outra. A gente pensa que dá o rumo, quando no fundo as coisas vêm de dentro.

UM MUNDO QUE NÃO É O MEU

Não mudei muito ao longo dos anos porque tenho uma formação. Como digo, venho do Renascimento. E tive influências, claro, como a das idéias de Picasso. Mas prevaleceu sempre em minha arte uma expressão profunda do sentimento do homem, a minha expressão de homem, e não um gesto vazio, nunca um gesto vazio ou gratuito. Não gosto de falar sobre arte porque não entendo a maior parte do que se faz hoje. Andam chamando de arte qualquer bugiganga, qualquer arranjo que nada lembra. Os padrões são outros, as preocupações são outras, muito distantes das minhas. Falo outra língua, sou ligado a uma tradição. Mesmo o modernismo é ligado a uma tradição, não nasceu do nada.

Hoje as coisas se colocaram diferentes, não têm significado, não têm sentido, e não me detenho em examiná-las porque realmente é um mundo que não é o meu. Só pensam em novidades, em fazer coisas que nunca foram feitas, surpresas, invenções, que, repito, para mim nada dizem. Mas reconheço ter hoje uma visão muito dolorida da vida e de tudo. Aristóteles disse que arte era um ato de libertação, no sentido de que o indivíduo não pode ser limitado na sua expressão, na sua vontade. Para mim é um ato também doloroso, um momento doído. Não entendo arte como decoração, acho que tem que ter conteúdo. Muito do que se faz atualmente é uma arte inóqua, e como tal, aceita, aprovada e consagrada.

O SOL VAI SE APAGAR

Quando eu era jovem, minha visão meio amarga não se manifestava de forma clara. Pintei as paisagens, e eram paisagens românticas, dominadas de sol. Fui, de certo modo e em certo momento, o poeta das ruas do Rio de Janeiro. Depois fui me interiorizando, vieram as memórias e as coisas foram se adensando. Depois a vida me pregou uma peça, depois o mundo ficou ruim e perdi as esperanças. Não

quero pertencer à História, renego toda essa coisa. Só quero fazer o que sinto, porque nada vai ficar, o Sol vai apagar, tudo vai acabar. Como artista, não vou negociar a minha maneira de ver para que me convenha. A história é monitorada, há um direcionamento, "consagra isso, não consagra aquilo", compreende?, rejeita uns, aplaude outros...

UMA LUZ AZULADA NO QUARTO

Esta noite acordei e disse para minha mulher "olha, Maria"; ela perguntou "o que é?", e eu disse "olha lá!". Era um vagalume que estava dentro do quarto, uma luz belíssima, azulada. Disse "que beleza, Maria, este bichinho que nos visita no meio da noite está talvez iluminando os nossos caminhos". E ela: "Mas tem um cheiro". E tinha um cheiro realmente. Era um odor forte, não sei por que pensei em almíscar. Eu disse: "Mas que coisa estranha esse cheiro" e "olha, Maria, faz o seguinte: abre a janela para que ele saia". Ela abriu a janela e acendeu a luz. Meu raciocínio foi que o vagalume sairia para o escuro da rua. Demos um tempo, achamos que devia ter saído e fechamos a janela. Hoje de manhã descobrimos que continuava no quarto, estava sobre o tapete. Aí, disse para a menina que trabalha conosco: "Helena, pega com cuidado esse bichinho e leva ele pro mato, que é onde ele mora". Foi um momento de beleza.

MEU DESCANSO SÃO OS AMIGOS

Trabalho constantemente. Ou estou pintando, ou estou gravando, ou estou escrevendo, ou estou pensando sobre tudo isso. Nunca tive momentos de ócio, de dizer que estou repousando. Estou sempre criando, sempre pensando, sempre imaginando. Meu descanso realmente são os amigos, mas para falar sobre coisas sérias, não de bobagens. Uma das coisas que mais aprecio é a amizade, uma das coisas mais importantes na vida é ter amigos.

Mas sinto que o homem se afasta do homem. Por exemplo, é sempre um desprazer quando ligo um telefone e uma voz eletrônica me atende. Não admito falar com uma máquina, prefiro que não atendam ou que me batam o telefone. O homem vai se distanciando do homem e criando sua solidão, um fosso em torno dele, vive isolado na multidão. Meus quadros refletem isso.

O BARCO DOS DESESPERADOS

O homem quer cada vez mais velocidade e não pára de destruir a natureza. É o único animal que destrói a casa onde mora, é o que se diz racional. Acho que o erro de Deus foi a criação do homem. O homem foi esquecendo sua condição e sua sabedoria de animal, e aí ficou doente. Em minha opinião, a Rússia não deu certo exatamente porque o homem não presta. Acho que Rousseau estava equivocado com aquela sua história de que o homem é naturalmente bom e que o meio o modifica. Não, o

homem é ruim. Não tem pensamento coletivo, cada um quer fazer uma coisa, não pode dar certo mesmo. Vivemos num barco de desesperados.

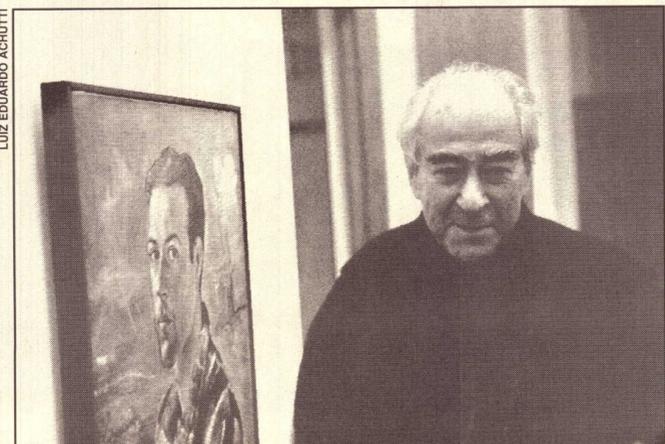
O Décio disse, outro dia, que minha pintura, paradoxalmente, traduz uma profunda misantropia mas, ao mesmo tempo, uma grande compaixão e um grande amor pelo homem. Fiquei pensando. Essa ambigüidade existe porque realmente não sou uma certeza, sou uma dúvida, como todo homem. Somos perguntas, não somos respostas. Somos como moscas rodando em alçapões. Valorizamos mais a mentira, a fantasia, do que a realidade. Estamos sempre em busca da quimera, seja através da arte, da droga, da religião.

ETERNIDADE É A TORTURA DE DEUS

Às vezes me pergunto se o homem não é uma tentativa de Deus de se criar, ser uma consciência. Porque você vê: o Universo, o que a Ciência mede em milhões de anos-luz, as imensidões, os astros, as explosões, nada disso sabe que existe. Quem diz que isso existe? É o homem e seu pensamento. Penso também que a Eternidade seria a tortura de Deus. São minhas hipóteses, conjeturas, angústias. Uma vez comecei a escrever uma história sobre o suicídio coletivo da humanidade. No dia em que o homem desaparece, desaparece Deus. E termino: "Tudo criaste por tua vaidade, porque querias uma testemunha, alguém que te visse e te apontasse, alguém que se ajoelhasse a teus pés. Querias ser o Senhor, mas agora não terás ninguém, terás talvez o olho morto de uma besta que te olha, sem te entender". Mas o texto ficou no rascunho.

PARA ONDE VAI AQUELE INSETO?

Não sei se o mundo se criou ou foi criado, mas acho que somos, individual e coletivamente, andarilhos perdidos, sem rumo. Outro dia eu estava no ateliê e vi um pequeno inseto que subia a parede. É um longo espaço, o ateliê tem mais de três metros de altura. E ele subindo. Em dado momento, titubeia e cai. E torna a refazer o caminho, vai, e vai, e vai... Para onde? Não tem horizonte, não tem passagem, não tem saída, mas ele vai, e segue escando a parede. Pensei: por que esse bichinho anda, em busca do que? De um horizonte que não existe? E eu me vejo na situação daquele besouro, eu também sou ele.



Iberê e seu auto-retrato dos anos 40

Dez anos sem Guilhermino Cesar

EDUARDO VIEIRA DA CUNHA

● MARIA DO CARMO CAMPOS

Professora no Curso de Pós-graduação em Letras

Com um seminário sobre sua vida e obra, no dia 10 de dezembro, a UFRGS registrou a passagem dos dez anos da morte do professor e escritor mineiro que marcou época no Rio Grande do Sul

Quem foi Guilhermino Cesar? Certamente, os estudantes que freqüentam o Campus do Vale já passaram por uma "praça" assinalada com seu nome e sua poesia. Os mais antigos da Universidade não passariam indiferentes diante das realizações daquele que foi um professor no sentido mais pleno da palavra. Os que fomos seus alunos, entre a reverência e o fascínio, temos gravadas sua erudição, sua inquietude, seu rigor, seu espírito crítico, seu fervor, transmitidos pelas modulações da voz, na imagem indelével do grande mestre de literatura brasileira, professor também no Curso de Arte Dramática.

Quem sabe que o pesquisador, historiador, escritor, tradutor, autor de uma obra humanística densa e multiforme foi *Doutor Honoris Causa* pela mítica Universidade de Coimbra? E os especialistas de hoje, aptos nas novas e profundas áreas do conhecimento, como veriam um cidadão mineiro, nascido em 1908, transferido a Porto Alegre em 1943, dedicado até o fim dos seus dias à literatura, à política, à cultura, à história do Rio Grande, à nossa economia e ainda ao jornalismo cultural entre a Província de São Pedro, a Revista do Globo, o Diário de Notícias e o Correio do Povo?

Aquele que viria a ser catedrático de Literatura Brasileira no curso de Letras da Faculdade de Filosofia da UFRGS e fundador do Curso de Pós-Graduação em Letras, nasceu em Eugenópolis, Minas Gerais, em 1908. cursou os preparatórios no Ginásio Municipal de Cataguases, onde fez amizade com Ascânio Lopes, Francisco Peixoto, Humberto Mauro e Rosário Fusco, parceiros da revista Verde (1927). Lá dirigiu o Grêmio Literário Machado de Assis, com reuniões por ele denominadas de "caldeirão literário", já como colaborador de jornais locais e do Rio de Janeiro.

Aos 19 anos, estudante universitário em Belo Horizonte, é um dos fundadores da revista Verde, de Cataguases, que marcou história como uma das maiores vertentes modernistas em Minas Gerais. Tendo abandonado a Medicina e ingressado no curso de Direito, publica o livro *Meia Pataca* (1928), em parceria com Francisco Peixoto e capa de Rosário Fusco. Orador da turma na colação de grau em Direito (1932), Guilhermino Cesar casa-se no ano seguinte com dona Wanda Belli de Sardes. São seus filhos João José e Guilhermino Augusto, este também poeta e advogado na capital gaúcha.

Junto à literatura, o interesse pelo jornalismo revela-se desde os anos iniciais de sua formação intelectual, levando-o a fundar, além do jornal Mercúrio, o tablóide Leite Criólo, que veio a se transformar em página especial do Estado de Minas. O pulso jornalístico desse homem da Zona da Mata ("bicho do mato", como certa feita se designou), foi despertado e gestado em Minas Gerais, do final dos anos 20 ao início dos anos 40, em veículos de Belo Horizonte como A Tribuna, Folha de Minas, Estado de Minas, Minas Gerais, Diário da Tarde, O Diário e Revista Mensagem, passando a ter rendimento, a partir dos anos 40, nos periódicos gaúchos citados acima. No Correio do Povo, o escritor, que fixaria o texto teatral de Qorpo Santo, desenvolve por mais de uma década a prática de cronista e de crítico literário no Caderno de Sábado, deitando sua escrita terna e vigorosa em outros tantos jornais e revistas universitários do Brasil, de Portugal e da França.

Professor fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, foi seu diretor e ocupou as cadeiras de Literatura Brasileira, História Moderna, Estética e História do Brasil. Lecionou ain-

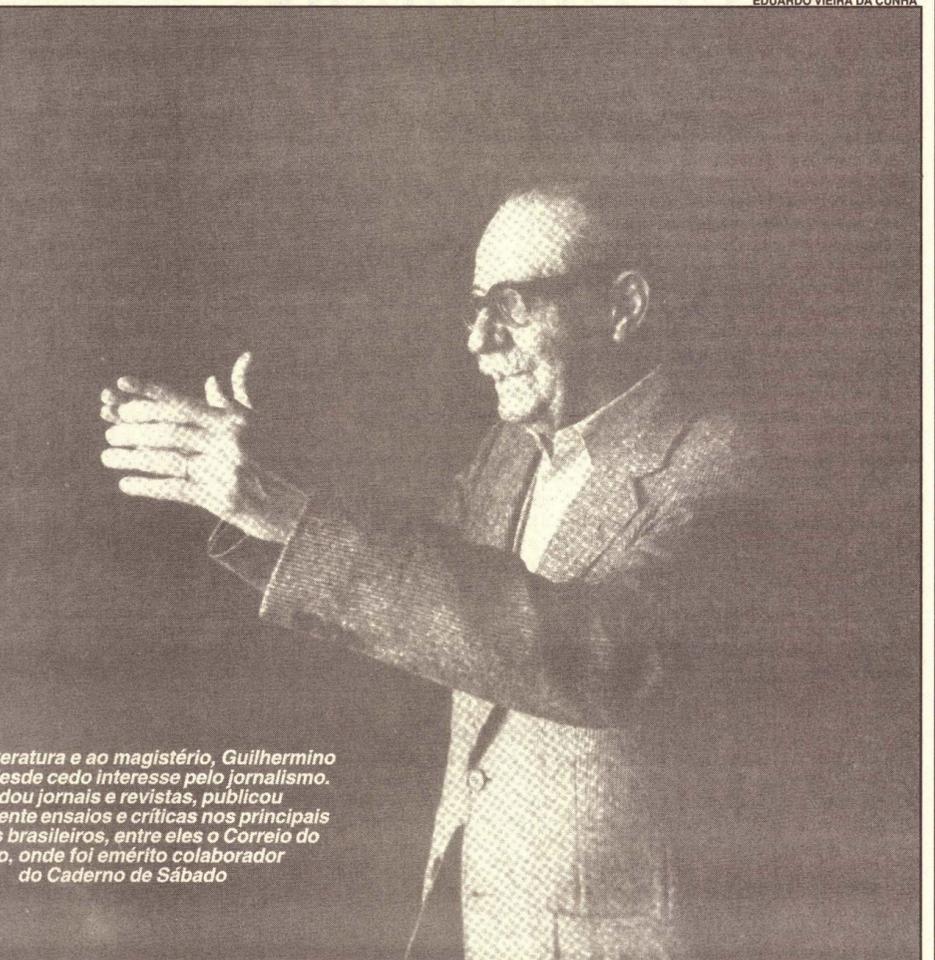
da Economia Política na Escola de Ciências Econômicas. Transferido a Porto Alegre como chefe de gabinete do governador Ernesto Dornelles, presta ao Rio Grande do Sul relevantes serviços políticos e culturais, por exemplo, como ministro junto ao Tribunal de Contas do Estado (do qual foi presidente por um ano), como presidente do Instituto Histórico e Geográfico, por vários mandatos na década de 50 (Sócio Benemérito do mesmo Instituto a partir de 1989) e como secretário da Fazenda entre 1953 e 1956.

A brilhante carreira docente concentra-se na UFRGS. Em 1962, é convidado a inaugurar e exercer a cátedra de Literatura Brasileira junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, permanecendo por alguns anos em Portugal. Em 1964, recebe o título máximo de *Doutor Honoris Causa* pela secular universidade. Sua obra literária, cuja estréia em livro de ficção já estava marcada pelo romance *Sul* (1939) e assinalada pela publicação da *História da Literatura do Rio Grande do Sul* (1956), cresce a partir da experiência europeia.

Incluído de imediato como escritor em enciclopédias portuguesas, Guilhermino dá ao público uma série de obras como *Ladrão de Cavalo* (poema dramático); *Lira Coimbra* e *Portulano de Lisboa* (poesia); *O Barroco e a Crítica Literária no Brasil*; *Dona Fernanda, a gaúcha do Quincas Borba*; além de *O Embuçado do Erval - Mito e Poesia de Pedro Canga*; *Bouterwek, os Brasileiros na Geschichte der Poesie und Berdsamkeit*; *Sismonde de Sismondi e a Literatura Brasileira*; *Resumo da História Literária do Brasil, de Ferdinand Denis*, todas nos anos 60. Homem do seu tempo, alerta-se para os processos históricos, econômicos e culturais ao alcance de sua fina observação e arguta pesquisa, o que transparece - e muito - nos livros de poesia.

Depois de alguns anos na Europa, retorna a Porto Alegre e adentra cada vez mais a atmosfera do Rio Grande do Sul, vindo a publicar, em 1969, *Arte de matar (poesia)*, além de dois outros livros: *Qorpo Santo, as Relações Naturais e Outras Comédias*, com fixação do texto, estudo e notas, e *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul (1605-1801)*, estudo das fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos.

A sua alentada *História do Rio Grande do Sul - Período Colonial*, é obra de referência valiosa para a investigação histórica, coincidindo na data com outras publicações de foco temático aproximado, editadas em Portugal em 1970, como *Antecedentes da Fundação do Rio Grande do Sul*. Isso sem mencionar que, nos intervalos de sua produção, Guilhermino Cesar encantou e ensinou aos leitores gaúchos através das crônicas no Caderno de Sábado, que aborda-



Junto à literatura e ao magistério, Guilhermino revelou desde cedo interesse pelo jornalismo. Fundou jornais e revistas, publicou regularmente ensaios e críticas nos principais veículos brasileiros, entre eles o Correio do Povo, onde foi emérito colaborador do Caderno de Sábado

vam temas como o ensino universitário, escritores, leituras, costumes, modismos, personagens reais ou inventadas, obras literárias e até a "esquizofrenia cultural" ou "glosas da era atômica". Parte desse rico material está publicada sob o título de *Notícia do Rio Grande*, com organização da professora Tania Franco Carvalho.

Cria cultural da inigualável cidade mineira de Cataguases, Guilhermino foi pioneiro também em outras frentes. Na tímida Porto Alegre de 1948, dirige a encenação da peça *Antígona*, de Jean Anouilh, tendo como atores os alunos Walmor Chagas, Gilda Marinho e Sérgio da Costa Franco, entre outros, do Teatro de Estudante. Nos anos 50, está entre os fundadores do Clube de Cinema de Porto Alegre. Em 1978, no Festival de Cinema de Gramado, profere bem humorada palestra crítica sobre Humberto Mauro, diretor do clássico *Ganga Bruta* (1933). Em maio do mesmo 1978, o Caderno de Sábado homenageia o assíduo cronista com uma edição comemorativa à passagem dos seus 70 anos, com textos de destacados intelectuais, escritores, professores e críticos brasileiros.

A esta altura, o autor de *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas* (1977) já se impunha também como poeta singular e contundente (ou "ácido", como quis definir), até para aqueles que não percorreram as páginas navegantes de *Lira Coimbra* e *Portulano de Lisboa* (1965) ou não disputaram a doce leitura de *Meia Pataca*. Na maturidade, criações pontuais como *O Contrabando no Sul do Brasil* e *O Conde de Piratini e a Estância da Música* emanam do mesmo sujeito que continua a verter poesia plena, naturalíssima nos 28 poemas que verbalizam fotos de Luiz Claudio

Marigo em *Banhados do Rio Grande do Sul* (1986), depurada em *Cantos do Canto Chorado* (1990), reunião de poesia editada e inédita, sob a organização de Tania Carvalhal.

Em 1986, o Instituto Estadual do Livro dedica-lhe o número 13 de seus Cadernos, série *Autores Gaúchos*. Em 1990, é escolhido patrono da 36ª Feira do Livro de Porto Alegre. Em 1995, a UFRGS, pelo reitor Hélgio Trindade, presta tributo à memória de Guilhermino com a instalação de uma praça junto ao Instituto de Letras. Em julho de 1999, o Instituto de Letras inaugura oficialmente o Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino Cesar, dedicado à pesquisa literária. No mesmo contexto, vêm sendo desenvolvidas pesquisas integradas sobre a obra desse humanista de largo fôlego, cuja obra - referência em compêndios brasileiros e estrangeiros - continua a ser editada no Brasil e em Portugal até os últimos anos de sua vida.

Não faltaram distinções a Guilhermino. Professor Emérito da UFRGS, recebeu os títulos de Cidadão Honorário de Porto Alegre, Palmes Académiques (Academia Francesa), Oficial da Légion d'Honneur e as medalhas do Pacífico, da Inconfidência e Simões Lopes Neto. Decorrido meio século de sua vinda para o Rio Grande do Sul, o brilhante intelectual mineiro morreu em Porto Alegre em 7 de dezembro de 1993, aos 85 anos. Além de uma inestimável biblioteca e da imensa obra publicada, deixou um conjunto surpreendente de inéditos e significativa correspondência pública e privada. O legado de Guilhermino Cesar, argüidor de seus contemporâneos e lúcido contendor de sua própria figura, movimentava-se nos recantos profundos da alma sulina e brasileira.

Coisas espantosas no tempo de Cataguases

"Percorri longes terras antes de cá chegar", disse Guilhermino Cesar em Coimbra, ao proferir sua Oração durante a cerimônia de outorga do título de *Doutor Honoris Causa* pela secular universidade fundada por Dom Dinis. "Devorei distâncias quase imensuráveis, por caminhos (...) na selva, no agreste, na fraga, no vale." Num livro também publicado em Coimbra, expressa em versos o sentimento da terra: "Embarco pra Cataguases, / Que lá me vão enterrar".

Perceber distâncias e sentir o coletivo levam a aprofundar a experiência histórica. São medidas de um passado profundo interrogado em prosa e em verso pelo professor e pelo poeta, onde quer que se encontrasse. A poesia enlaça cacos da memória, une o vivido ao lembrado, salda dívidas com a origem e recupera, no exílio, o frescor da juventude. Sempre Cataguases, onde Guilhermino cultivou a literatura e a seiva da amizade.

Ao longo da vida, volta-lhe a cidade de 3.500 habitantes onde "deram-se coisas espantosas para o tempo, o lugar e o ambiente cultural": criou-se uma editora, um jornal semanal, um cinema, um ginásio com 80 alunos e a revista Verde, de 1927, que registrou o fenômeno Cataguases na Literatura Brasileira.

Quase sonolenta à beira do Rio Pomba, com seu afluente Meia-Pataca (nome do primeiro livro do jovem Guilhermino), a cidade fundada a 7 de setembro de 1877 tinha uma fábrica de tecidos, uma marmoraria, uma biblioteca, três farmácias e três tipografias, mais a Estrada de Ferro Leopoldina, que a ligava ao Rio de Janeiro.

Desviada da rota barroca nos caminhos mineiros, a Zona da Mata teve outros cultivos que possibilitaram a Cataguases crescimento econômico e intensa vitalidade cultural até os dias de hoje. A crise do café foi superada por investimentos no comércio e na indústria concretizados em 1905, com a fundação da Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguases, e com a fundação posterior da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina.

Hoje, o visitante tem na cidade achados preciosos, vários tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional. Além do famoso Colégio, onde foram alunos o centenário Ary Barroso e Chico Buarque de Hollanda, vê prédios do início do século 20, como o Paço Municipal, o Grande Hotel Villas, a Estação Ferroviária e a sede da Companhia Força e Luz. Também são atrações painéis magníficos, como "As fiandeiras", de Portinari, e o de Djanira, na Matriz de Santa Rita de Cássia. Sem falar da casa de Francisco Peixoto, projetada por Oscar Niemeyer, com jardins de Burle Marx.

Além disso, Cataguases conta com o moderníssimo Centro Cultural Humberto Mauro, editora, fundações culturais, ateliês de artes plásticas, grupos de teatro e de



Guilhermino (C) com Ascânio Lopes e Francisco Inácio Peixoto, do Grupo Verde (1926)

música, jornais e a dinâmica Faculdade de Filosofia e Letras, afirmando aquela vitalidade moderna, que já completa 126 anos. E de repente, por uma dessas injunções de tempo e espaço, achei-me entre amigos na cidade mineira.

A palavra "Cataguases" ecoava remota na lembrança do topônimo, tantas vezes pronunciada nos idos tempos da Faculdade de Filosofia. Era a menção aos Verdes, como emblema venturoso de uma certa seiva preservada nas imensidões do Brasil. Hoje a cidade ainda pulsa, vitalizada. Lá estão os poetas Lina Tamega Peixoto del Peloso, Joaquim Branco, Ronaldo Werneck, Francisco Marcelo Cabral. E Cataguases segue homenageando um de seus "ases", aquele que destinou ao Rio Grande do Sul e ao Brasil cinquenta anos de sua existência.

Encontro lembrou a trajetória do mestre

A autora dos textos desta página dividiu com a professora Márcia Ivana de Lima e Silva a organização do "Encontro com Guilhermino Cesar". Promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras (IL) da UFRGS, o seminário ocorreu no dia 10 de dezembro no Auditório Celso Pedro Luft, do IL. A programação:

Homenagem à memória de Guilhermino Cesar, com os professores Sara Viola Rodrigues (diretora do IA), Sabrina de Abreu (coordenadora do PPG-Letras), Sergius Gonzaga (diretor do Instituto Estadual do Livro) e Luís Augusto Fischer (Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino Cesar, do IL).

A trajetória sulina, com os professores Antonio Hohfeldt (vice-governador do Estado do RS), Tânia Franco Carvalhal e Márcia Ivana de Lima e Silva (mediadora).

As raízes mineiras, com um representante da cidade de Cataguases (MG), Donaldo Schüller, Guilhermino Augusto de Sardes Cesar e Maria do Carmo Campos (medicadora).

O homem e sua obra, com os professores Gilda Bittencourt, Helga Piccolo, Léa Masina e Nayr Tesser.

A memória viva: a pesquisa sobre Guilhermino Cesar, com os bolsistas e pós-graduandos Diego Grandó, Flaiane Rodrigues da Silveira, Luís Francisco Wasilewski, Mariana Kliemann Chagas e Vivian Ignes A. da Silva (pesquisadores responsáveis: Maria do Carmo Campos, Márcia Ivana de Lima e Silva e Homero Vizeu Araújo).

Darcy Dillenburg, paixão pela Física

●ADEMAR VARGAS DE FREITAS
Jornalista

Até o começo da década de 50, a UFRGS ainda era uma universidade basicamente de ensino. A pesquisa, uma coisa extremamente rara, começava a surgir justamente naquela época. E Darcy Dillenburg, que em breve vai receber o título de professor emérito, tem muito a ver com isso. Em especial com o desenvolvimento da pesquisa em Física na Universidade. Aqui, ele faz um breve relato de sua vida, que não pode ser dissociada da carreira profissional.

O professor Darcy Dillenburg lembra que, nos porões da Faculdade de Direito, funcionava o Curso de História Natural. Ali havia gente como o professor Antonio Cordeiro e seu discípulo Francisco Salzano que estavam iniciando as pesquisas em Genética. Lá também iniciou a pesquisa em Paleontologia, com o professor Irajá Damiani Pinto, que depois fundou a Escola de Geologia.

Na Faculdade de Filosofia, o professor Antonio Estevão Pinheiro Cabral, formado pouco antes do ingresso de Darcy, teve oportunidade de fazer estágio no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, recém-criado pelo CNPq, no Rio de Janeiro, especialmente para receber o físico brasileiro César Lattes, que atingiu renome no exterior e participou de descobertas importantes. "O professor Cabral - cujo nome foi atribuído a um auditório aqui no Instituto, no ano passado - trabalhou pelo menos um ano com Lattes e voltou com a idéia de criar um centro de pesquisas físicas aqui."

Coincidiu que o recém-criado Conselho Nacional de Pesquisa apoiou essas iniciativas. E, como o professor Bernardo Geisel era diretor da Faculdade de Filosofia, professor de Química da Escola de Engenharia e membro do CNPq, foi muito fácil conseguir um canal de comunicação. Geisel conseguiu um pequeno auxílio do CNPq para financiar uma comissão que estudasse a implantação do centro de pesquisas físicas.

ÉPOCA DE OURO

Em 1952, entrou em cena outra figura importante: o professor Elyseu Paglioli, reitor até 1964. Ele nomeou a comissão, constituída pelo professor Bernardo Geisel, pelo professor Antonio Estevão Pinheiro Cabral e por um arquiteto da Divisão de Obras que buscava os aspectos de instalações e construção necessários. Essa comissão fez o trabalho e - glória - escolheu um estudante para ser secretário. "E quem foi o escolhido? Eu."

No ano seguinte, a comissão tinha cumprido seu trabalho, desenhando o projeto para esse Centro de Pesquisas Físicas no prédio da Faculdade de Filosofia. Naquele tempo havia muita flexibilidade na contratação de pessoas, o que era feito por portaria do reitor. "Claro, contratação temporária, sem as características do sistema atual da carreira universitária. A única coisa bem definida era o cargo de professor titular e de professor assistente. O resto era por contrato para prestação de serviços e temporários."

Assim que se diplomou como bacharel e foi fazer licenciatura, Dillenburg foi contratado como auxiliar de pesquisa no Centro de Pesquisas Físicas. Só que ainda não havia pesquisas ali, tudo estava por iniciar. E o professor Cabral, que teve oportunidade de voltar para o Rio de Janeiro para fazer o doutorado, optou por ficar aqui e trabalhar com os jovens que estavam em volta dele.

No bacharelado, Dillenburg teve aulas com o professor Gerhard Jacob, já professor assistente de Física na Faculdade de Filosofia. "Entre na Universidade pelo outro canal: auxiliar de pesquisa do Centro de Pesquisas Físicas, o que me satisfiz muito." O professor Gerhard foi convidado pelo catedrático João Francisco Simões da Cunha para ser professor assistente no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia. Darcy e Gerhard trabalharam juntos por muitos anos no Centro de Pesquisas Físicas. Gerhard como professor assistente.

Criado o Centro de Pesquisas Físicas e Darcy Dillenburg admitido como auxiliar de pesquisa, estava começando a germinar uma sementinha de pesquisa em Física, assim como em outras áreas, como a Genética e a Paleontologia, ambas do Curso de História Natural, hoje Curso de Ciências Biológicas. Além dessa função, ele também dava aula de Física no ensino médio, principalmente à noite. Lecionou no Rosário, no São Jacó (em Novo Hamburgo) e no Júlio de Castilhos, que funcionava no Arquivo Público, na Rua Riachuelo, depois que incendiou o prédio que existia no local onde agora está a Faculdade de Economia.

A criação do Centro, modelada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, teve muito sucesso ao instalar a infra-estrutura, um laboratório de eletrônica. Isso, porque conseguiram contratar um engenheiro de eletrônica holandês, que esteve um tempo no Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro e se dispôs a vir para Porto Alegre, permanecendo no Brasil por muitos anos. "Era um engenheiro da Philips, indústria pioneira, e juntou um grupo de profissionais para trabalhar com ele, aprendendo técnicas modernas de pesquisa."

O laboratório, depois dirigido pelo professor Paulo Pedro Petry, foi um instrumento importante quando começaram as atividades de pesquisa na UFRGS. Foi implantado também um laboratório de rádio-química que teve a cooperação de professores do Departamento de Química da Faculdade Filosofia, onde estava também o professor Luiz Pilla e outros, que colaboraram no manuseio na química de materiais radioativos, o material que se ia trabalhar no Centro.

"Além disso se instalou uma excelente oficina mecânica de precisão, que ao longo dos anos construiu extraordinários equipamentos ou componentes de equipamentos que precisavam ser adaptados aos aparelhos existentes ou para substituir peças. Foi um elemento fundamental nas etapas seguintes", conta o professor.

Física, o tipo da coisa que ele gosta

Essa altura, Darcy e Gerhard decidiram escrever aos dois grandes centros de pesquisa em Física existentes no Brasil: a USP, em São Paulo, que já naquele tempo era uma potência em Física; e o Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro. "A primeira resposta veio de São Paulo: estavam construindo o primeiro reator nuclear brasileiro, no Instituto de Energia Atômica, e nos convidaram para participar. Pouco depois, chegou o aceite do Rio, que na época era a nossa preferência, mas já estávamos comprometidos."

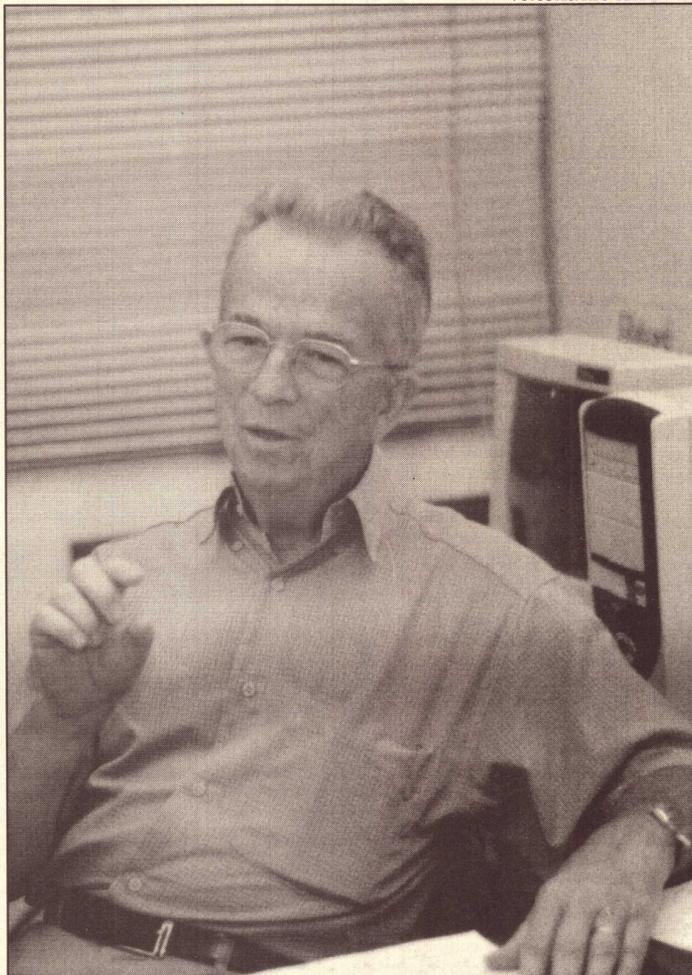
Em São Paulo, tiveram o privilégio de fazer física teórica no prédio onde estava sendo construído um reator atômico. Ali, publicaram o primeiro trabalho científico, orientado pelo professor Paulo Saraiva Toledo. Ao cabo de dois anos, pronto o reator, o programa de atividades que se propunha não coincidia com os interesses de ambos. Darcy e Gerhard consultaram então a Faculdade de Filosofia da USP sobre a possibilidade de fazerem doutorado.

"O professor Mário Schemberg, grande nome da Física e de outras áreas também, nos convidou para sermos professores assistentes do Departamento de Física da USP, e fazer o doutorado. Aceitamos entusiasmamente e decidimos que em março de 1958 começaríamos a trabalhar em nossa nova atividade."

VOCÊS SÃO DÓIDOS?

Aí aconteceu um fato interessante: passou por São Paulo o professor Ari Nunes Tietboehl Tipo, eminente professor de Análise de Matemática e Cálculo Diferencial na UFRGS. Trazia mensagem do Centro de Pesquisas Físicas e da Faculdade de Filosofia convidando Gerhard e Darcy a retornarem à UFRGS e assumirem como professores catedráticos contratados. Mas eles disseram ao professor que não podiam aceitar o convite, pois já tinham compromisso com a USP. Tietboehl foi embora um pouco decepcionado. Na manhã seguinte, eles contaram esse episódio para seu orientador do Instituto de Energia Atômica, que perguntou: "Vocês são doidos? Estão oferecendo a vocês iniciar, no nível máximo, a criação de algo tão importante, e vocês rejeitam pela opção de vir a estudar para doutorado, ainda que como professores assistentes, aqui na USP, onde as coisas já estão desenvolvidas? É uma tolice muito grande. Como orientador de vocês, não admito que façam isso."

Foi uma brincadeira, naturalmente. Mas eles ouviram o conselho e mandaram um western - o telegrama da época - para Porto Alegre, dizendo que reconsideravam a decisão. "Aí começou a trajetória, que é objeto dos documentos que falam do meu caso e dos feitos que teriam determinado a concessão desse título de professor emérito que vou receber."



"No pós-guerra, os governos aliados reconheceram a importância da ciência"

O Centro de Pesquisas Físicas foi a semente

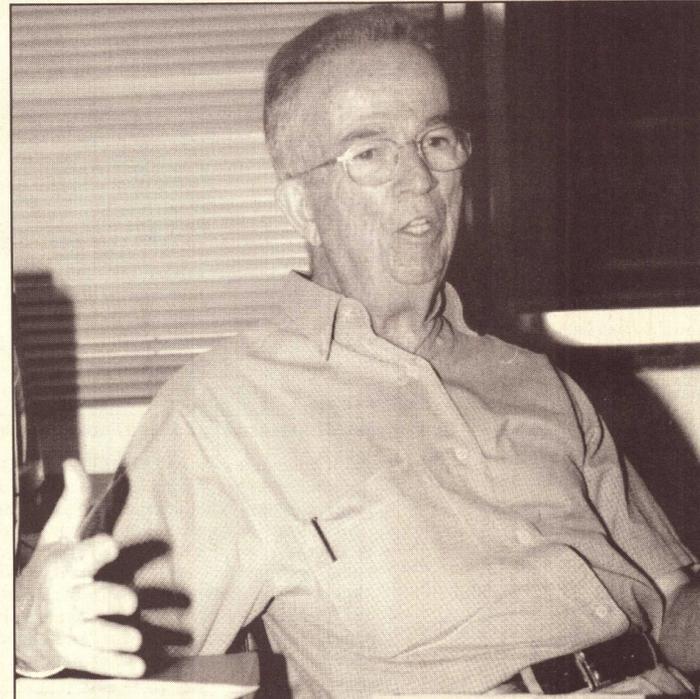
Darcy Dillenburg, nascido em Porto Alegre, no dia 21 de janeiro de 1930, começou os estudos na Escola São José, que ficava ao lado da igreja São José, na Avenida Alberto Bins. "Era uma escola de língua alemã, de antes da guerra, 1937. Minha família era de origem alemã e pertencia àquela comunidade." Darcy morava na Azenha, mas passava a semana na casa dos avós, na Rua Coronel Vicente. Durante a semana, às vezes, ia para casa, ou era buscado ou levado por alguém.

Na escola se ensinava alemão, e a maioria dos estudos era nesse idioma. Mas todo esse conhecimento da língua alemã se perdeu durante os anos de guerra, porque o governo proibiu falar alemão. "Se pensamento aparecesse, proibiam até de pensar em alemão", diz Darcy. Dali ele foi, em 1939, para o segundo ano do Colégio Rosário, dos Irmãos Maristas, onde completou o ensino fundamental e o ensino médio. Na mesma época, instalou-se a PUC, e Darcy fez vestibular e cursou o primeiro ano de Física lá.

Naquela época, as famílias, em geral, esperavam que os jovens fossem estudar Engenharia, Medicina, Direito, ou algo perto daí, mas não muito longe disso. Como Darcy sempre teve muito gosto e facilidade pela Matemática e pela Física, simplesmente decidiu que queria conhecer a Física. Ele lembra de detalhes que o impeliram, como a atitude de um professor de Química de ginásio, que um dia lhe mostrou seus cadernos de anotações como estudante do Curso de Química da Faculdade. "Ali havia um modelo da estrutura cristalina do cloreto do sódio, sal de cozinha. Achei aquilo tão interessante e pensei: isso é o tipo da coisa que gosto."

Darcy teve bons professores de Física e Matemática que o ajudaram a consolidar essa posição. Depois de ter feito o primeiro ano de Física na PUC, decidiu - em deferência à família e também para avaliar a firmeza de sua própria decisão - fazer o vestibular na UFRGS para Física e Engenharia. Entrou nos dois e começou a cursar. Então, chegou o dia da Passeata dos Bixos, dos calouros, que era no mês de abril. A passeata saía da Escola de Engenharia, em meio a brincadeiras e trotes, subia a Avenida João Pessoa e ia até a Rua da Praia, e de lá até a Praça da Alfândega, onde terminava com um banho no lagozinho.

"Pensei: só vou me submeter a isso se valer a pena. E, como não era Engenharia mesmo que eu queria fazer, naquele dia cancelei a matrícula e optei pela Física, onde os alunos eram tão poucos que nem se falava em calouros. Essa foi minha experiência de ingresso na UFRGS que ocorreu em 1952, no segundo ano do curso de Física."



"Recusamos um reator nuclear"

A RODA DA FORTUNA

"Devo dizer que a roda da fortuna me assistiu de maneira fantástica em meu projeto. Escolher o Curso de Física era algo completamente sem fundamento prático. Tanto que um primo meu disse: 'Darcy, escolhendo um curso como esse, tu vais andar sempre de roupa enebada e sapato furado'. Era a descrição do professor, naquele tempo. Outro disse uma frase que me tocou muito: 'Olha, tem só umas dez pessoas no mundo que entendem a Teoria da Relatividade'. Ai, pensei: 'Ah, então, vou ter que ser um desses'. E aconteceu um conjunto de circunstâncias que me deu grande impulso e entusiasmo."

EM CONTA-GOTAS

"O Curso de Física era de pouquíssimos alunos. O primeiro que se formou foi o próprio Cabral, em 1948. Em 1949 não se formou ninguém. Em 1950 formou-se Pérola Paganelli. Não tive mais notícias dela. Em 1952 se formou somente Gerhard Jacob. Em 1953 fui eu. Mas a gente não ficava sozinho: a maioria das aulas era acompanhada por cinco ou seis alunos do Curso de Matemática, que tinha muitas disciplinas em comum com a Física."

NOVIDADE NO PÓS-GUERRA

"Era o início da década de 1950. A Segunda Guerra Mundial tinha acabado havia pouco, e já se disseminava no mundo uma política nova, de os governos financiarem pesquisa. Porque antes eram as fundações privadas que financiavam. O governo só cuidava do ensino. A novidade era que os governos estavam reconhecendo a importância da ciência, que os ajudava a vencer a guerra, com a bomba atômica e outras formas de tecnologia. Os reatores nucleares começaram a ser construídos. No Brasil, foi criado, em 1951, o CNPq, que passou a incentivar a criação de atividades de pesquisa em ciências."

JÁ PODE CASAR

"Nesse ponto, já trabalhando no Centro de Pesquisas Físicas e em várias escolas, decidi que podia casar. Casei com Círcia, uma colega da Universidade, do Curso de História Natural, e começamos nossa vida juntos. Ela interrompeu os estudos após concluir a licenciatura e passou a cuidar dos nossos filhos. Só depois que eles cresceram é que Círcia começou a exercer o magistério, retomando também os estudos como aluna do curso de mestrado em Botânica. Foi, e continua sendo, uma companheira extraordinária, inclusive pelo apoio que me deu na fase em que eu precisava concentrar todos os esforços na construção da minha carreira."

CINCO FILHOS

"A família é uma grande alegria, em paralelo com a alegria que tenho tido na vida profissional. Temos cinco filhos e dez netos, todos em volta de nós. Cláudio, o primeiro, é empresário na área de informática, em software. Inês, a segunda, é enfermeira no Hospital de Clínicas. O terceiro foi Sérgio, que é professor do Instituto de Geociências. Lúcia, a quarta, é professora no Instituto de Biociências. O quinto foi Marcos, que também é empresário de informática, em hardware."

ERAM OS ANOS JK

"Durante o governo Juscelino Kubitschek, a última das 30 metas era Educação para o Desenvolvimento. O projeto era criar, dentro das universidades, institutos separados das escolas já existentes, onde se cultivasse a pesquisa. O professor Paglioli conseguiu que dois desses institutos fossem criados aqui na UFRGS, um de Física, outro de Matemática. Isso nos deu nova estrutura. Os recursos vieram através da Comissão Supervisora do Plano dos Institutos, Cosupi, e depois foram assumidos por outras fontes, a Universidade, o BNDE e mais tarde a Finep."

EM BUSCA DO MESTRE

"Quando Gerhard e eu assumimos o comando do desenvolvimento da Física no Rio Grande do Sul, o professor João Francisco Simões da Cunha se dispôs a cumprir o que tinha prometido anos antes ao Gerhard: demitir-se da cátedra da Faculdade de Filosofia a fim de liberar a vaga para concurso. Ficou apenas como professor da Escola de Engenharia. Foi um ato inédito que merece ser registrado. Com pouca experiência e muita vontade de aprender, precisávamos agora de um pesquisador experiente. Através de contatos anteriores, chegamos ao professor alemão Theodor Maris, com doutorado em Munique e estadas na Dinamarca, na Suécia e na Flórida (EUA), e que gostaria de trabalhar num país onde as coisas estivessem por fazer. O professor Maris veio para a UFRGS com um salário astronômico para a época (mil dólares), renovou por mais um ano, foi renovando, renovando e acabou ficando. Tendo recusado duas ofertas de cátedras na Alemanha, acabou tornando-se professor titular em nossa Universidade, onde teve papel fundamental na criação da pesquisa."

REATOR NUCLEAR NÃO

"Em 1960, o Instituto de Física já estava em pleno funcionamento e iniciando publicações em Física Nuclear Teórica, que começaram a receber amplo reconhecimento. O Laboratório de Correlações Angulares foi onde iniciamos as primeiras pesquisas em Física Nuclear Experimental. A partir daí, nos concentramos em cuidar que o Instituto tivesse um crescimento orgânico, e outras áreas de pesquisa foram acrescidas. Foi aí que surgiu a proposta do governo federal de nos dar um reator nuclear, o que recusamos. Sabíamos que, ao receber um investimento desse tipo, de grande porte, ficaríamos amarrados a ele para o resto de nossas vidas. Preferimos ir crescendo por áreas menos dispendiosas, mas importantes, e acrescentando sistematicamente novas áreas de pesquisa às já existentes no Instituto."